

Pascal Thiery

Tragédias gregas



TRAGÉDIAS GREGAS – Das centenas de tragédias que foram representadas no século V a.C. conservamos somente umas trinta, em sua maior parte fundamentais para a nossa civilização. Os principais autores foram Sófocles, Ésquilo e Eurípides. É tamanha a riqueza destas obras que cada crítico pode encontrar nelas o que procura: uma visão política ou sociológica da cidade ateniense, uma manifestação literária de ritos de iniciação, um canto lírico de luto, uma combinação métrica e musical de grande rigor, uma

Pascal Thiercy

Tragédias gregas

Tradução de PAULO NEVES

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

PREFÁCIO

Das centenas de tragédias que foram representadas no século V a.C.¹, conservamos somente umas trinta, em sua maior parte fundamentais para a nossa civilização. É tamanha a riqueza dessas obras que cada crítico pode encontrar nelas o que procura: uma visão política ou sociológica da cidade ateniense, uma manifestação literária de ritos de iniciação, um canto lírico de luto, uma combinação métrica e musical de grande rigor, uma visão disfarçada da atualidade, um ensinamento religioso ou cívico, um espetáculo de divertimento etc. Já existe uma quantidade impressionante de volumes, às vezes notáveis, que abordam esses aspectos da tragédia grega. O presente livro não pretende ser um estudo literário, uma interpretação dos tragediógrafos gregos²; seu objetivo, levando em conta suas dimensões reduzidas, é simplesmente ser um guia cômodo para os não-especialistas ou para aqueles, numerosos, que desejam estudar ou conhecer o contexto dessas peças antigas, das quais 2.500 anos nos separam mas que permanecem espantosamente vivas. As relações entre essas peças e os mitos gregos são sublinhadas a fim de mostrar como os três principais autores trágicos trataram de maneira bastante diferente o fundo mítico comum que serve de base a suas tragédias. Assim, estas serão abordadas por ciclos míticos, seguindo o desenrolar cronológico das lendas e não, como é habitual, a data de composição das peças.³

1. Salvo indicação contrária, todos os dados cronológicos subentenderão *antes de Cristo (a.C.)*. (N.A.)

2. Para referências mais aprofundadas, o leitor poderá consultar a bibliografia no final do volume. (N.A.)

3. O relato dos mitos gregos pode ser encontrado no livro de P. Grimal, *Mitologia grega*, coleção Encyclopaedia, L&PM, 2009. Quanto às próprias representações, à prática do teatro grego, à sua arquitetura, à sua *mise-en-scène*, à sua importância enquanto elemento da vida política e religiosa, permitimo-nos sugerir ao leitor nosso *Aristophane et l'ancienne comédie*, Paris, "Que sais-je?", n° 3438, 1999. (N.A.)

INTRODUÇÃO

Em 480, durante a segunda guerra médica⁴, aconteceu a batalha naval de Salamina. A frota ateniense infligiu uma derrota decisiva aos invasores persas, apesar da sua inferioridade numérica. Uma tradição liga a essa grande façanha guerreira os três principais poetas trágicos gregos: Ésquilo, com 45 anos de idade, participou do combate; o jovem Sófocles dirigiu o coro dos efebos que celebrou a vitória; Eurípides, dizem, nasceu nessa ilha no mesmo dia da batalha. Essa tradição – certamente um pouco bela demais para ser verdadeira no que se refere a Eurípides – realça, porém, dois fatos importantes: ela mostra que todo esse teatro grego foi colocado sob o signo da guerra (primeiro contra os persas, depois dos gregos entre si na Guerra do Peloponeso) e estabelece bem a relação cronológica entre os três autores trágicos, considerados desde a Antiguidade como os três maiores e os únicos de quem temos peças completas.

De fato, como explicar que, dentre centenas de tragédias compostas no século V por dezenas de poetas, somente cerca de trinta tenham chegado até nós e apenas desses três autores? Trata-se certamente do resultado de uma seleção feita pelo estabelecimento de compilações de peças escolhidas inicialmente por eruditos alexandrinos, segundo critérios estéticos ou escolares: peças da maturidade dos poetas que tinham entre si ligações temáticas ou que permitiam comparações entre os três grandes tragediógrafos. O número das peças escolhidas de Ésquilo e Sófocles era sete para cada um (um número simbólico) e dez para Eurípides, mais lido e mais imitado nessa época (tanto na tragédia quanto na comédia novas). Todas as peças contidas nessas diversas compilações são acompanhadas de *escólios* (notas à margem dos textos), o que mostra claramente uma intenção pedagógica. No caso de Eurípides, além das dez peças da compilação (*Alceste, Medeia, Hipólito, Andrômaca, Hécuba, As Troianas, As Fenícias, Orestes, As Bacantes, Resos*), nos chegou por acaso um fragmento de uma edição “completa”, na qual as tragédias eram classificadas por ordem alfabética. Este volume (desprovido de escólios) compreende os títulos que vão de épsilon (E) a capa (K): *Helena, Electra, Os Heraclidas, Héracles furioso, As Suplicantes, Ifigênia em Áulis, Ifigênia em Táurida, Íon, O Ciclope*. Na tradição medieval, as duas coleções estão misturadas.

Por volta de metade do século VI, um poeta ateniense, Téspis, teria acrescentado a fala ao canto do ditirambo (espécie de balé, de poema cíclico cantado e dançado por um coro em honra de um herói ou de um deus), encarregando um ator de recitar um “prólogo” e uma “narração”. Assim, Téspis é geralmente considerado como o inventor da tragédia (o próprio nome *tragoidía*, literalmente o “canto do bode”, deu ensejo a numerosas interpretações). Os concursos dramáticos (tragédias e comédias) se desenrolavam por ocasião de duas festas religiosas consagradas a Dioniso, deus do vinho e do teatro: as Leneanas, no fim de janeiro e começo de fevereiro, e as Grandes Dionísias (ou Dionísias urbanas), celebradas no fim de março e começo de abril. O primeiro concurso trágico foi realizado em 534. Temos raros fragmentos dos predecessores de Ésquilo, mas deve ser citado Frinico, cujos cantos harmoniosos foram por muito tempo populares em Atenas e que obteve sua primeira vitória entre 511 e 508. Dele conhecemos uma dezena de títulos. Frinico é tido como o primeiro a introduzir personagens femininos e a compor tragédias sobre assuntos da atualidade: *A tomada de Mileto* (492) e *As Fenícias* (476). *A tomada de Mileto* lembrava a revolta desta cidade grega da Jônia contra os persas em 494, portanto dois anos antes, e a repressão que se seguiu. A peça comoveu tanto o público que foi interdita. Quatro anos após a vitória grega em

Salamina, em 480, Frinico obteve o primeiro prêmio com *As Fenícias*, em que o coro de mulheres de Sídon [atual Líbano], cidade aliada dos persas, lamentava-se sobre a derrota de Xerxes. *As Fenícias* anunciam, assim, *Os Persas* de Ésquilo, representado quatro anos mais tarde.

Essas três tentativas de pôr em cena assuntos históricos parecem ter sido uma experiência abandonada, pois não conhecemos nenhum outro exemplo de tragédia histórica no século V.

Nas Leneanas, menos prestigiosas, participavam apenas dois dramaturgos, com duas peças cada um; já nas Grandes Dionísias cada um dos três autores trágicos apresentava uma tetralogia, composta de uma trilogia trágica (três tragédias) mais um drama satírico⁵. A trilogia podia ilustrar um único mito (como *A Oresteia* de Ésquilo), e neste caso se falava de *trilogia ligada*, ou ser formada de elementos independentes, o que ocorria na maioria das vezes. O drama satírico não parece ter sido uma obrigação, pois temos o exemplo de Eurípides que apresentou seu *Alceste* como quarta peça – e foi o que aconteceu também com outras de suas tragédias que tinham um final feliz e comportavam cenas cômicas.

Uma tragédia grega é composta em versos, a variedade deles sendo determinada por um arranjo de combinações possíveis de sílabas curtas e longas. Não há atos, mas uma alternância de partes faladas pelos atores ou pelo corifeu⁶, e de partes líricas cantadas pelo coro. As partes faladas, chamadas *episódios*, consistem em diálogos escritos geralmente em trímetros iâmbicos⁷; seu número pode variar de dois a cinco. Os cantos do coro são chamados *stasima* (*stasimon*, canto sem movimento). Havia numerosos cantos e danças confiados ao coro, aos atores ou a solistas. Um tocador de *aulos* entrava com o coro e fazia o acompanhamento musical das peças. O *aulos* é um instrumento de sopro semelhante ao oboé ou à clarineta de duplo tubo; outros instrumentos de corda (lira ou cítara) ou de percussão podiam eventualmente ser utilizados, especialmente pequenos tambores ou crótalos, instrumento parecido com as castanholas. As danças do teatro trágico eram principalmente a *emelia*, mais gestual e lenta, que acompanhava os *stasima*, e o hiporquema, bem mais ritmado e dinâmico.

A estrutura habitual da tragédia consiste em um *prólogo*, que expõe a ação ou mesmo o desfecho, seguido do *párodos* (entrada do coro), dos *episódios*, separados por *stasima*, e do final ou *éxodo*⁸, que tradicionalmente tem início após o último *stasimon*. Todos esses elementos podem ter uma duração muito variável. O esquema tradicional não dá conta da variedade das partes cantadas, pois acontece muito frequentemente de um ator se unir ao coro (ou vice-versa) para compartilhar no canto uma emoção comum. Esse canto dialogado chamava-se *kommos* (do verbo *koptô*, bater, pois na origem era cantado batendo com a mão no peito em sinal de luto). Há ainda *monodias* (árias) cantadas por um personagem ou *duos líricos* entre atores. Por fim, encontramos cenas típicas na maioria das peças: cenas de mensageiro, em que alguém vem contar acontecimentos próximos ou distantes no tempo ou no espaço; situações de reconhecimento, verdadeiras ou falsas; cenas de assassinatos perpetrados fora do palco mas dos quais se ouvem os gritos no exterior. Geralmente os poetas procuram tratar de maneira original essas cenas típicas, sobretudo jogando com diferenças musicais de ritmos a que o público era bastante sensível, o que, às vezes, se chama *palintonos harmonia*, a *harmonia dos contrários*, uma distorção entre uma forma elevada e o conteúdo trivial de um canto. Encontramo-la particularmente nas últimas peças de Eurípides, por exemplo na “canção da vassoura” de *Íon* (versos 112-183): o jovem começa por uma prece às divindades, antes de enxotar as aves que estão pousadas no telhado do templo.

A divisão entre episódios e *stasima* é muitas vezes difícil de estabelecer, não sendo clara nem para os atos de nossas tragédias clássicas, nem mesmo para as cenas, pois ela não depende das entradas e saídas dos personagens. Mesmo as raras mudanças de lugar (em *As Eumênides* de Ésquilo e talvez no *Ajax* de Sófocles) intervêm no meio de um episódio. Às vezes a tragédia começa pelo *párodo*, às vezes o *êxodo* se encadeia diretamente a um episódio; encontramos mesmo um prólogo cantado por um ator e seguido de um *párodo* falado. Podemos muitas vezes nos perguntar se tal *kommos* substitui um *stasimon*, se faz parte deste ou do episódio, se o *êxodo* inclui tal canto do coro etc. Por isso, não devemos nos surpreender de ver variar o número dos episódios de uma mesma peça de uma edição a outra, sendo conveniente tomar as indicações e separações dos editores e críticos (a começar por aquelas que veremos mais adiante) como simples proposições.

[4.](#) Relativo à Média, região da Ásia incorporada ao império persa. (N.T.)

[5.](#) O drama satírico tratava de forma divertida os temas míticos, sempre com um coro de sátiros conduzido por Sileno, um filho de Pã (ou de Hermes) que havia educado Dioniso. (N.A.)

[6.](#) Os membros do coro (coreutas) eram amadores. Seu chefe chamava-se corifeu. (N.A.)

[7.](#) Versos de três pés, com uma unidade breve seguida de uma longa. (N.T.)

[8.](#) Na comédia, ao contrário, o *êxodo* é o canto de saída do coro, o canto final dançado que encerra a peça, acompanhando geralmente o casamento que conclui numerosas comédias. (N.A.)

CAPÍTULO I

VIDA E OBRA DOS POETAS TRÁGICOS GREGOS

Os biógrafos antigos dos autores gregos tiram geralmente suas informações de escólios duvidosos ou glosam o próprio texto, às vezes de maneira muito fantasiosa. Inúmeras fábulas ligam-se, assim, à vida desses autores, segundo a tendência universal de associar fatos marcantes ou extraordinários a personagens ilustres. Foi o que aconteceu no caso preciso dos poetas dramáticos que nos interessam, sem esquecer a distorção proveniente de caricaturas e paródias que deles fizeram os autores cômicos, especialmente Aristófanes em relação a Ésquilo e Eurípides.

I. Ésquilo (525-456)

Ésquilo, filho de Eufóron, nasceu no último ano da 63ª Olimpíada, isto é, em 525, trinta anos antes de Péricles e de Sófocles, 45 anos antes de Eurípides, no povoado ático de Elêusis, a oeste de Atenas, a cidade dos famosos “Mistérios” celebrados em honra de Deméter e de sua filha Perséfone. Ele pertencia, dizem, a uma família nobre, “nobreza” que lhe foi talvez atribuída por causa da grandeza do seu estilo e do seu teatro. De acordo com uma dessas lendas que os gregos estimavam, Dioniso lhe teria aparecido em sonho quando era criança e lhe teria revelado sua vocação poética. Ele parece ter feito sua estreia nos concursos trágicos aos 25 anos e viveu as principais etapas da mutação que levou Atenas à democracia. Era adolescente quando, nos últimos anos do século VI, os atenienses expulsaram Hípias após o assassinato de seu irmão Hiparco⁹, cujo governo fizera os atenienses detestarem a tirania, antes do aparecimento da primeira constituição democrática de Clístenes. Quando os persas invadiram a Grécia por ocasião das duas guerras médicas, ele combateu valorosamente: primeiro em Maratona (490), onde seu irmão Cinegiro morreu ao capturar um dos barcos de Dario, depois na batalha naval de Salamina (480), onde seu outro irmão, Amínias, conquistou o prêmio do valor. Tendo já 45 anos, Ésquilo combateu, enquanto Atenas, evacuada, era ocupada e incendiada pelos exércitos de Xerxes. Ele contou essa gloriosa batalha oito anos mais tarde, em 472, em *Os Persas*.

De 472 a 458, a carreira de Ésquilo prossegue em Atenas e ele obtém uma imensa fama. Só alcançou o primeiro prêmio em 484, mas a seguir acumulou vitórias. Sua reputação chegou até a Sicília, onde Híeron, o tirano de Siracusa, o convidou para compor uma tragédia em honra da cidade de Etna, que ele acabava de refundar. Nessa corte brilhante, Ésquilo fez representar *As Etneanas* e frequentou os poetas líricos Píndaro, Simônides e Epicarmo. Volta a Atenas, onde Sófocles obtém seu primeiro sucesso em 468, e tira sua desforra no ano seguinte com a trilogia de Édipo (da qual só nos resta *Os Sete contra Tebas*). Sua última vitória é obtida com *A Oresteia*, em 458. Retorna então à Sicília para lá se fixar definitivamente¹⁰, em Gela, na costa sul, onde morreu em 456.¹¹ Teve direito a funerais grandiosos, e seu túmulo virou um lugar de peregrinação. Durante muito tempo, peregrinos vindos de todos os cantos da Grécia leram nesse túmulo esta orgulhosa inscrição que ele mesmo redigiu, dizem, passando em silêncio sua atividade dramática: “Aqui jaz Ésquilo, filho de Eufóron. Nascido ateniense, morreu nas planícies fecundas de Gela. A aldeia famosa de Maratona e o persa de longa cabeleira dirão se ele foi bravo: eles o viram!”

Os biógrafos antigos lhe atribuem entre 73 e 90 peças (tragédias e dramas satíricos), sendo que

oitenta títulos são conhecidos, o que representa entre 18 e 22 tetralogias. Como ele obteve 13 vitórias entre os anos de 484 a 458, isso significa (levando em conta o fato de não haver tetralogias nas festas Leneanas) que triunfou pelo menos uma vez a cada duas. Esse sucesso não diminuiu após sua morte, pois um decreto especial autorizou a retomada de suas peças nos concursos. Dois filhos de Ésquilo foram também tragediógrafos: Evaion (ou Bión) e Eufóron, que conquistou quatro vitórias com peças do pai e obteve ele mesmo um primeiro prêmio, em 431, enfrentando Sófocles e Eurípides. Seu sobrinho Filocles, por sua vez, foi o vencedor do concurso no qual Sófocles apresentou *Édipo rei*.

Além de numerosos fragmentos, chegaram até nós sete tragédias de Ésquilo. *Os Persas* (472), tragédia de atualidade, foi representada com duas tragédias de assunto mítico, *Fineu* e *Glauco de Potnies*. *Os Sete contra Tebas* (467) era a última peça de uma trilogia tebana que incluía *Laio* e *Édipo*, seguida do drama satírico *A Esfinge*. *As Suplicantes*, que abria uma trilogia dedicada às Danaides, é datada provavelmente de 463. *A Oresteia* (468) é a única trilogia completa que possuímos, composta por *Agamênon*, *As Coéforas* e *As Eumênides* (mais um drama satírico perdido, *Proteu*). *Prometeu acorrentado*, enfim, fazia parte de uma trilogia que terminava certamente com a libertação do Titã, mas não conhecemos sua data, e desde a Antiguidade alguns duvidam mesmo que tenha sido escrita por Ésquilo.

II. Sófocles (497-405)

Sófocles nasceu em 497/496 em Colono, a uns vinte quilômetros de Atenas, num domínio de seu pai, Sofilos, um rico fabricante de armas. Recebeu uma educação cuidadosa, e sua rara beleza e seus talentos de dançarino lhe valeram, em 480, dirigir o coro dos efebos que celebrou a vitória de Salamina. Obteve também um grande sucesso em sua estreia no teatro, nos papéis de Nausica e do aedo legendário Tamíris tocando cítara.

Sua carreira foi sempre marcada pelo sucesso: diz a tradição que ele fez representar em 469/468 suas primeiras peças, entre as quais um *Triptólemo*, e que saiu vencedor diante de Ésquilo que também concorria naquele ano. Sófocles escreveu entre 115 e 130 peças, obteve 23 ou 24 vitórias e nunca foi classificado em terceiro lugar – o que era considerado como um fracasso. Em 409, aos 87 anos, ainda se classificou em primeiro, com *Filoctetes*. Assim, competiu com Ésquilo durante doze anos, e no resto de sua carreira foi o rival de Eurípides, apenas doze anos mais jovem, mas que morreu alguns meses antes dele. Sófocles compôs também o tratado *Sobre o coro*, segundo Plutarco, bem como uma ode a Heródoto. Segundo Aristóteles (mas é uma afirmação a ser tomada com prudência), ele teria introduzido importantes mudanças nas representações teatrais, aumentando de dois a três o número dos atores, de doze a quinze o dos coreutas, e dando mais destaque ao cenário.

Restam apenas sete tragédias completas de Sófocles: *Ajax*, certamente a mais antiga de suas peças conservadas, *Antígona* (cerca de 442), *As Traquinianas*, *Édipo rei* (cerca de 427), *Electra* (cerca de 427), *Filoctetes* (409) e *Édipo em Colono* (representação póstuma em 401). De suas outras peças restam somente fragmentos.

Paralelamente a essa carreira teatral exitosa, ele ocupou várias vezes funções importantes na cidade. Em 443/442 foi helenotamias¹², em 440, estrategista¹³, participando com Péricles da expedição a Samos; em 428, no começo da Guerra do Peloponeso, foi novamente estrategista e, em 413/412, *proboulos*¹⁴. Sófocles também cumpriu funções religiosas: era sacerdote do herói Halon e

teve um papel determinante na introdução em Atenas, em 420, do culto de Asclépio¹⁵ vindo de Epidauro [cidade da Argólida, na Grécia]. De sua mulher, Nicóstrata, teve um filho legítimo, Iofon, que se tornou um poeta trágico bastante renomado; de uma concubina de Sícion [cidade do Peloponeso], Teóris, teve um outro filho, Aríston, pai de Sófocles, o Jovem, seu neto preferido e também poeta trágico. No final de sua longa vida, sofreu uma ação na justiça movida por seu filho Iofon, que exigia a colocação em tutela dos seus bens (talvez sob pretexto de demência senil). Sófocles, dizem, contentou-se em recitar diante do tribunal trechos da peça que estava compondo, *Édipo em Colono*, e foi absolvido sob aplausos.

Quando morreu, em 405, pouco antes da derrota final de Atenas, o general espartano Lisandro, que fazia então o cerco da cidade, decretou uma trégua para que fossem prestadas honras fúnebres ao poeta, decisão que ele disse lhe ter sido ditada em sonho. Após sua morte, Sófocles teve direito a honrarias excepcionais: construíram-lhe uma estátua e um *heroôn*, espécie de monumento reservado aos heróis, no qual foi homenageado com o título de *Dexion* (o Hospitaleiro). Num fragmento de *Musas*, o poeta cômico Frinico¹⁶ escreveu: “bem-aventurado Sófocles, que morreu ao cabo de uma longa vida, homem dotado e correto, que compôs inúmeras belas tragédias; ele conheceu um belo fim sem nunca ter sofrido nenhum mal”. Assim, os sofrimentos que Sófocles exprime em sua obra não parecem ser o reflexo de dores pessoais, mas talvez os de sua cidade querida, pois ele viveu todos os acontecimentos do século V: a hegemonia de Atenas, os anos de ouro do século de Péricles, a ascensão do imperialismo ateniense, e toda a Guerra do Peloponeso, de 431 a 404, que acabaria com a derrota de Atenas e uma crise terrível que abalou os valores morais, cívicos e religiosos tradicionais.

III. Eurípides (484-406)

A maioria das informações que os biógrafos antigos nos dão sobre a vida de Eurípides são gracejos dos poetas cômicos – especialmente de Aristófanes, que fez dele um de seus alvos favoritos – e que eles tomaram ao pé da letra. Assim, a tradição diz que Eurípides nasceu em Salamina, em 480, no mesmo dia da famosa batalha, num meio muito modesto, filho de uma vendedora ambulante. Na verdade, ele teria nascido quatro anos mais tarde, numa família bem estabelecida que lhe deu uma excelente educação. Eurípides foi um dos primeiros atenienses a possuir uma biblioteca.

Dizem que inicialmente quis ser atleta, depois tentou a pintura, antes de seguir as lições dos filósofos; frequentou Anaxágoras, Protágoras e Sócrates, adquirindo um gosto pela retórica que transparecerá frequentemente em suas obras. Por fim, sua vocação decidiu-se: em 455, apresentou no teatro de Atenas sua primeira trilogia, que incluía *As Peliades*; classificou-se em terceiro. E raramente obteve sucesso em vida, pois só se classificou em primeiro treze anos depois; e foram somente três vitórias num período de 36 anos, quando teria escrito 92 peças. Dos três trágicos, porém, é aquele cuja obra foi melhor conservada: temos 19 peças completas (entre as quais o drama satírico *O Ciclope* e uma tragédia cuja autenticidade foi posta em dúvida desde a Antiguidade: *Resos*) e numerosos fragmentos. Além disso, sua obra conheceu uma grande difusão após sua morte.

Da existência de Eurípides não sabemos praticamente nada, a não ser que se manteve afastado da vida pública. Ganhou a reputação de misantropo e de misógino (atribuem-lhe dois casamentos infelizes). Conta-se que, fustigado pelos poetas cômicos, refugiava-se para compor em Salamina, numa gruta que dava para o mar. Em 408, no final da Guerra do Peloponeso, deixou Atenas e se

retirou na Macedônia, em Pela, na corte do rei Arquelau, onde morreu em 406, atacado, dizem, por uma matilha de cães. Em homenagem ao poeta desaparecido, Sófocles, seu coro e seus atores, apresentaram-se em traje de luto no *proagon*¹⁷ do concurso. Um de seus filhos, Eurípides, o Jovem, fez representar no ano seguinte em Atenas as peças que ele compusera na Macedônia, *Ifigênia em Áulis*, *Alcméon em Corinto* (perdida) e *As Bacantes*.

Conhecemos a data de oito de suas tragédias conservadas: *Alceste* (438), *Medeia* (431), *Hipólito* (428), *As Troianas* (415), *Helena* (412), *Orestes* (408), *Ifigênia em Áulis* e *As Bacantes* (representadas em 405). *Os Heraclidas*, *As Suplicantes*, *Andrômaca* e *Hécuba* devem ter sido representadas antes de 421; *Héacles furioso*, *Íon*, *Electra*, *Ifigênia em Táurida* e *As Fenícias*, entre 418 e 409. Além do seu teatro, ele escreveu em 416 um *epinício* (canto de vitória) em honra do jovem Alcibíades, vencedor nas corridas de quadrigas dos Jogos Olímpicos.

Não é muito surpreendente que a arte de Eurípides tenha desconcertado seus contemporâneos (como mostra bem Aristófanes em *As rãs*): ele mostrava muita originalidade em relação aos concorrentes, tanto pela música quanto pelas modificações feitas nos mitos que utilizava. Em suas peças, Eurípides apresenta situações complexas, com muitos personagens, peripécias, lances teatrais e espetaculares, recorrendo com frequência ao *deus ex machina*¹⁸ para resolver suas intrigas. Encontramos muitas tiradas de caráter filosófico e retórico, em algumas tragédias há inclusive passagens romanescas, triviais ou cômicas. Os atores cantam frequentemente nos diálogos, em detrimento dos cantos do coro que às vezes têm uma relação bastante fraca com os episódios, apresentando lamentações um tanto convencionais.

IV. Os tragediógrafos “menores”

Essa evolução da tragédia que encontramos em Eurípides se confirmará com um de seus discípulos, Agáton, do qual nada foi conservado, mas que aparece como personagem em duas obras célebres, *O Banquete* de Platão e *As Tesmoforiantes* de Aristófanes. Agáton nasceu em 445 e conquistou sua primeira vitória em 416; para festejar esse acontecimento é que ele teria oferecido o famoso banquete. Em *As Tesmoforiantes*, em 411, Aristófanes coloca-o em cena e faz uma longa paródia do seu estilo, o que prova sua importância e sua originalidade (pois Aristófanes nunca parodiava os medíocres). Restam-nos seis títulos de suas tragédias: *Aérope*, *Alcméon*, *Os Misianos*, *Télefo*, *Tiestes* e *Anteu*, que Aristóteles critica (*Poética*, 1456) assinalando que se trata da primeira tragédia em que os personagens e o tema eram invenção do poeta. Agáton substituiu também os *stasima* do coro pelos *embolima* (interlúdios musicais não relacionados ao tema da tragédia) que inovavam igualmente por seu conteúdo musical. Agáton, portanto, teve uma grande importância para a evolução da tragédia. Em 408/407 ele vai também a Pela, na corte de Arquelau, onde certamente morreu, pois daí por diante não temos mais notícias dele.

Além dos filhos, sobrinhos ou descendentes de Ésquilo, Sófocles e Eurípides citados mais acima, podemos assinalar alguns outros poetas trágicos atenienses do século V que deixaram um nome.

Íon de Quios viveu entre 480 e 420. Conhecemos onze títulos dele. Sua primeira tragédia foi representada em Atenas por volta de 450, e ele obteve pelo menos uma vitória. Em 428, quando Eurípides venceu o concurso com seu *Hipólito*, ele ficou em terceiro, atrás de Iofon. Íon compôs também ditirambos, hinos e elegias, bem como obras em prosa. Crítias, um dos trinta tiranos e que foi discípulo de Sócrates, escreveu duas tragédias filosóficas, *Pirítoo* e *Sísifo*. Conservamos um belo

fragmento desta última tragédia, que diz que os deuses foram inventados por um homem sábio a fim de trazer aos primeiros homens o temor, a moral e a disciplina. Néofron de Sícion compôs uma *Medeia* que teria servido de modelo à de Eurípides, e foi o primeiro a introduzir personagens de pedagogos. Podemos ainda citar Cárcino, do povoado de Torikos, que teria conquistado o primeiro prêmio de tragédia nas Dionísias de 446, e seus três filhos, Xênacles, Xenótimo e Xenarco, que desenvolveram o aspecto “grande espetáculo” da tragédia. Xênacles triunfou com uma tetralogia livre composta por *Édipo*, *Lícaon*, *As Bacantes* e *Átamas* nas Dionísias de 415, diante de Eurípides que apresentava *Alexandre*, *Palamedes*, *As Troianas* e o drama satírico *Sísifo*.

Cronologia

Cerca de 534: Primeiro concurso trágico nas Grandes Dionísias; vitória de Téspis.

Cerca de 525: Nascimento de Ésquilo.

Cerca de 496: Nascimento de Sófocles.

484: Nascimento de Eurípides.

472: *Os Persas* de Ésquilo.

468: Estreia de Sófocles, conquistando o primeiro prêmio com *Triptólemo*.

467: *Os Sete contra Tebas* de Ésquilo.

Cerca de 463: *As Suplicantes* de Ésquilo.

458: *A Oresteia* de Ésquilo (*Agamênon*, *As Coéforas*, *As Eumênides*).

456: Morte de Ésquilo.

455: Estreia de Eurípides com *Peliades*.

Cerca de 445: *Ajax* de Sófocles.

442: *Antígona* de Sófocles.

441/440: Primeira vitória de Eurípides; Sófocles é eleito estrategista.

438: *Alceste* de Eurípides.

Cerca de 432: Representação de tragédias nas Leneanas.

431: *Medeia* de Eurípides. Início da Guerra do Peloponeso.

429: *Édipo rei* de Sófocles (?). *Os Heraclidas* de Eurípides (?).

428: *Hipólito* de Eurípides.

425: *Andrômaca* de Eurípides (?).

424: *Hécuba* de Eurípides.

423: *As Suplicantes* de Eurípides (?).

415: *As Troianas* de Eurípides.

414: *Héracles furioso* e *Ifigênia em Táurida* (?) de Eurípides.

413: *Electra* (?) e *O Ciclope* (?) de Eurípides.

412: *Helena* e *Andrômeda* de Eurípides.

409: *Filoctetes* de Sófocles. *As Fenícias* de Eurípides (?).

408: *Orestes* de Eurípides.

406: Morte de Eurípides e de Sófocles.

405: Representação póstuma de *Ifigênia em Áulis* e de *As Bacantes* de Eurípides.

401: Representação póstuma de *Édipo em Colono* de Sófocles.

[9.](#) Filhos do tirano Pisístrato, que havia estabelecido o primeiro concurso trágico em 534. (N.A.)

[10.](#) Muitas explicações foram dadas para esse exílio voluntário: ele teria se afastado de Atenas porque era acusado de impiedade, ou teria abandonado sua ingrata pátria por despeito de ter sido vencido por Sófocles. (N.A.)

[11.](#) Uma lenda, provavelmente forjada por um autor cômico posterior, conta que uma águia, querendo quebrar a carapaça de uma tartaruga, soltou-a sobre sua cabeça, tomando seu crânio calvo por um rochedo! (N.A.)

[12.](#) Os helenotamias, em número de dez, administravam as finanças de Atenas. (N.A.)

[13.](#) A tradição diz que os atenienses quiseram recompensá-lo desse modo por sua *Antígona* do ano precedente. (N.A.)

[14.](#) Após o desastre da expedição à Sicília, uma comissão especial de dez membros, os *probouloi*, foi criada em Atenas. Eles eram encarregados de tomar as medidas necessárias para a recuperação da cidade. (N.A.)

[15.](#) O deus da medicina, chamado Esculápio pelos romanos. (N.T.)

[16.](#) Não confundir com o poeta trágico do século anterior. (N.A.)

[17.](#) Cerimônia de apresentação dos dramaturgos e atores (sem máscara) para que fossem conhecidos antes da competição. (N.E.)

[18.](#) Espécie de guindaste que servia para elevar os atores no ar. (N.A.)

CAPÍTULO II

O CICLO TEBANO

Eurípides: *As Bacantes*; Sófocles: *Édipo rei*; Ésquilo: *Os Sete contra Tebas*; Eurípides: *As Fenícias*; Sófocles: *Édipo em Colono*; Eurípides: *As Suplicantes*.

O ciclo tebano é muito complexo, pois se apresenta sob a forma de uma sucessão de episódios que abrangem um longuíssimo período e reúnem os mitos da fundação de Tebas, de Dioniso, de Édipo e da luta fratricida de seus filhos, incluindo todos os mitos relacionados à expedição dos Sete contra Tebas e a dos Epígonos¹⁹. Poderíamos acrescentar ainda personagens associados, como Hércules (ou Hércules), Anfiarau, Antíope, Crisipo e Tideu, que têm seus próprios mitos e estendem a localização geográfica fora dos limites de Tebas, sem falar dos elementos religiosos, rituais e folclóricos.²⁰

As Bacantes de Eurípides

As Bacantes, um dos maiores dramas gregos, mostra a introdução difícil do culto de Dioniso na Grécia, na cidade natal do deus, Tebas. Escrita em 408-407, durante a temporada de Eurípides na corte de Arquelaus, rei da Macedônia, essa trilogia de peças independentes, com *Alcméon* (perdida) e *Ifigênia em Áulis* (conservada), foi representada postumamente em Atenas por seu filho Eurípides, o Jovem, em 405, e obteve o primeiro prêmio.

*A ação se passa em Tebas, diante do palácio real, perto do túmulo de Sêmele*²¹.

PRÓLOGO (versos 1-64) – Dioniso, de volta da Ásia com um Coro de Mênades [ou Bacantes], disfarçado de sacerdote lídio de seu próprio culto, explica que quer punir Penteu (filho de Sêmele, a filha do antigo rei Cadmo) que proíbe que se institua seu rito em Tebas; ele já castigou as irmãs de Sêmele – Ino, Agave e Autônoe – que se recusavam a crer em sua divindade, fazendo-as delirar; transformadas em bacantes, elas arrastaram as mulheres de Tebas até o monte Citéron.

PÁRODO (v. 65-167) – O Coro das bacantes canta a glória de Dioniso, seu fervor e seu júbilo.

EPISÓDIO 1 (v. 168-369) – O velho Cadmo e o adivinho Tirésias, vestidos como bacantes, estão dispostos a juntar-se às Mênades e a dançar, apesar da idade avançada, em honra do deus. Aparece Penteu, que ficou sabendo das desordens e se enfurece contra a loucura dos dois velhos. Tirésias e Cadmo mostram o poder de Dioniso e insistem no seu projeto. Penteu sai, furioso, para mandar prender o “charlatão” estrangeiro.

Stasimon (v. 370-433) – O Coro invoca a Piedade e condena Penteu, depois canta novamente a glória de Dioniso.

EPISÓDIO 2 (v. 434-518) – Um guarda leva o sacerdote lídio acorrentado; Penteu o invectiva com violência, enquanto Dioniso zomba dele calmamente.

Stasimon (v. 519-575) – O Coro canta sua indignação diante da impiedade de Penteu.

EPISÓDIO 3 (v. 576-861) – Do interior da *skéné*²², Dioniso chama o Coro e avisa que o palácio vai desmoronar. O prisioneiro aparece, livre de suas correntes, e conta às bacantes por quais milagres enganou Penteu, que retorna estupefato. Um boiadeiro vem contar que as bacantes, conduzidas pelas filhas de Cadmo, fazem prodígios, dilaceram os animais com as mãos nuas, raptam crianças e põem

os homens em fuga. Penteu decide averiguar ele mesmo o que está acontecendo, e Dioniso convence o rei a disfarçar-se de bacante para espiá-las.

Stasimon (v. 862-911) – As bacantes louvam a sabedoria dos que honram os deuses.

EPISÓDIO 4 (v. 912-976) – Penteu reaparece, grotescamente disfarçado de bacante. Dioniso o ajuda a completar o ridículo disfarce, lhe dá os últimos conselhos e garante que ele voltará “carregado nos braços de sua mãe”.

Stasimon (v. 977-1021) – O Coro pede vingança e a morte do ímpio.

ÊXODO²³ (v. 1022-1392) – Um servidor entra, horrorizado, e conta como Penteu, que havia se empoleirado no alto de um pinheiro, viu a árvore ser desenraizada por sua mãe, suas tias e as bacantes em delírio, que a seguir o despedaçaram com as próprias mãos. Um breve canto de triunfo das bacantes precede um kommos com Agave, que retorna, primeiro triunfante, brandindo na ponta de um tirso a cabeça do filho, que ela toma pela de um leão. Cadmo entra com servidores que carregam uma padiola onde jazem os restos de Penteu. Aos poucos ele traz sua filha de volta à razão, fazendo-a ver a horrível realidade. No meio das lamentações, Dioniso reaparece e proclama a legitimidade da sua vingança, condenando Cadmo e Agave ao exílio.

Édipo rei de Sófocles

A data exata da representação de *Édipo rei* (ou *Édipo tirano*) é desconhecida, mas é posterior à famosa peste de Atenas (430-429). Sófocles só obteve o segundo prêmio, atrás de Fílocles, um sobrinho de Ésquilo. *Édipo rei* tem uma importância singular na história do teatro ocidental e merece uma atenção particular, pois é essa obra que Aristóteles toma como modelo do gênero e define como a tragédia ideal. Assim ela foi especialmente estudada e imitada pelos autores e pelos críticos da Antiguidade e do século XVII clássico francês. Sófocles se inspirou nos mitos tebanos em *Édipo rei*, *Édipo em Colono*, *Antígona*, *Alcméon*, *Anfiarau* e *Os Epígonos*.

A ação se passa em Tebas, diante do palácio dos labdácidas (do nome de Lábdaco, o antepassado da linhagem).

PRÓLOGO (v. 1-150) – Tebas é devastada pela peste. O sacerdote de Zeus, crianças e velhos suplicantes estão ajoelhados diante do palácio. Eles suplicam ao rei Édipo, que outrora os libertou da Esfinge, para pôr fim ao flagelo. Édipo os tranquiliza: ele enviou Creonte, seu cunhado, para consultar o oráculo de Apolo em Delfos. Creonte acaba de retornar, trazendo uma resposta favorável. A peste cessará sua devastação tão logo for descoberto e banido o assassino do rei Laio. Édipo assume solenemente esse compromisso e convoca de imediato a assembleia dos tebanos.

PÁRODO (v. 151-215) – O Coro dos anciãos faz sua entrada e suplica aos deuses do Olimpo que expulsem Ares, o deus da guerra e da peste.

EPISÓDIO 1 (v. 216-462) – Disposto a vingar Laio como se fosse seu próprio pai (todos acreditam, a começar por ele mesmo, que ele é filho de Pólipo, rei de Corinto, e de sua esposa Mérope, quando em realidade é filho de Laio e de Jocasta), Édipo amaldiçoa o autor desconhecido do crime e todo aquele que tentar ocultá-lo.

Entra o adivinho Tirésias, cego, que uma criança conduz pela mão. Inicialmente ele se recusa a falar, mas, exasperado pelos ataques de Édipo, anuncia ao rei que o assassino que ele busca é ele mesmo. Édipo, indignado, o expulsa.

Stasimon (v. 463-512) – O Coro exprime sua perturbação cruel; apesar das acusações do adivinho,

ele não admite que Édipo seja o culpado.

EPISÓDIO 2 (v. 513-862) – Após uma violenta altercação com Creonte, que ele acusa de ter, por ambição, inspirado Tirésias, Édipo conversa com Jocasta (cena da “dupla confiança”). Jocasta, querendo tranquilizar seu esposo, conta-lhe que os adivinhos afirmavam que Laio pereceria pela mão do próprio filho. Ora, este fora abandonado logo após o nascimento numa montanha deserta, e Laio fora morto muitos anos mais tarde na encruzilhada de três caminhos, por vários bandidos, a acreditar no único sobrevivente do massacre. Édipo fica perturbado e conta, por sua vez, que outrora deixou Corinto e a corte do seu pai, o rei Pólibo, para frustrar um oráculo segundo o qual ele mataria o pai e desposaria a mãe. Pois bem, no encontro de três caminhos, ele havia se desentendido com um velho cuja descrição corresponde à de Laio, matando-o num momento de cólera. Para dissipar sua ansiedade, Édipo ordena que tragam à sua presença o servidor que testemunhou a morte de Laio.

Stasimon (v. 863-910) – O Coro, inquieto, canta algumas estrofes em que censura discretamente a desmedida de Édipo e a impiedade de Jocasta.

EPISÓDIO 3 (v. 911-1085) – Chega um mensageiro de Corinto, anunciando a morte de Pólibo: a eventualidade do parricídio, portanto, parece afastada, mas Édipo continua a temer um incesto possível. Para tranquilizá-lo, o mensageiro lhe revela que ele não é filho de Pólibo e de Mérope: ele mesmo guardara rebanhos outrora e, tendo recebido das mãos de um pastor tebano o desventurado recém-nascido, decidiu levá-lo aos soberanos de Corinto, que o adotaram. Apesar das súplicas de Jocasta, que compreendeu, Édipo manda convocar o pastor tebano. Horrorizada, ela entra no palácio.

Stasimon (v. 1086-1109) – Num breve canto alegre, o Coro imagina que Édipo poderia ser filho de um deus e de uma ninfa.

EPISÓDIO 4 (v. 1110-1185) – O momento da confrontação é inevitável: eis que o servidor que acompanhava Laio, no dia de sua morte, se revela ser também o pastor de que falava o mensageiro de Corinto. O infortunado Édipo compreende a horrível verdade e foge para o palácio.

Stasimon (v. 1186-1222) – Comovido, o Coro deplora a desgraça daquele que foi outrora seu salvador e a fragilidade da felicidade humana.

ÊXODO (v. 1223-1530) – Um servidor vem anunciar que Jocasta se enforcou e que Édipo furou os próprios olhos ao vê-la morta. Édipo sai, com os olhos ensanguentados, e suplica que lhe permitam ir acabar sua vida longe de Tebas, que ele desonrou. *Kommos* seguido de uma reflexão do herói sobre seu destino. Édipo abraça as filhas, trazidas por Creonte; este, o novo senhor da cidade, declara que aguardará a resposta do oráculo de Delfos para decidir a sorte do ex-rei; Édipo, arrasado, é levado de volta ao palácio.

Os Sete contra Tebas de Ésquilo

Terceira peça de uma tetralogia tebana, representada em 467, que obteve o primeiro prêmio; as duas primeiras tragédias, *Laio* e *Édipo*, se perderam, assim como o drama satírico *A Esfinge*.

*A ação se passa em Tebas, na Ágora*²⁴.

PRÓLOGO (v. 1-77) – Tebas, a cidade das sete portas, defendida por Etéocles, é sitiada por um exército argivo [de Argos, cidade do Peloponeso] que apoia seu irmão Polinice, a quem ele recusou entregar o trono. Os dois são filhos de Édipo e de Jocasta. Etéocles explica a situação ao povo de Tebas: um adivinho indicou que os inimigos lançarão um assalto durante a noite. Aparece um mensageiro que anuncia que sete chefes inimigos fizeram um sorteio da porta que cada um atacará.

PÁRODO (v. 78-180) – Entrada do Coro de mulheres tebanas: aterrorizadas, elas suplicam longamente aos deuses que protejam a cidade.

EPISÓDIO 1 (v. 181-286) – Retorno de Etéocles, irritado com essa atitude das mulheres. Ele as intima a se calarem e a pararem de semear a confusão, dizendo que saberá tomar as medidas necessárias.

Stasimon (v. 287-368) – O Coro continua a cantar seu terror e a suplicar aos deuses que poupem os dramas da tomada de uma cidade.

EPISÓDIO 2 (v. 369-719) – Um mensageiro vem descrever a Etéocles cada um dos sete chefes argivos: Tideu para a porta Proítida, Capaneu para a porta Electra, Etéoclo para a porta Neís, Hipomedonte para a porta de Palas Onca, Partenopeu para a porta do Norte, Anfiarau para a porta Homolóis e, finalmente, Polinice para a última porta. Ele descreve seus escudos, seus braços e sua ousadia, enquanto Etéocles vai nomeando o guerreiro tebano que oporá a cada um: Melanipo, Polifonte, Megareu, Hipérbio, Áctor, Lástenes; ele mesmo enfrentará seu irmão. O Coro pontua cada decisão e termina o episódio num diálogo semilírico com o rei (o Coro canta, Etéocles fala) para tentar desviá-lo desse combate fratricida.

Stasimon (v. 720-791) – Após a partida de Etéocles, o Coro lamenta o triste destino dos labdácidas e a maldição decorrente de culpas antigas.

EPISÓDIO 3 (v. 792-830) – O mensageiro retorna: Tebas venceu, mas Etéocles e Polinice mataram-se reciprocamente.

Stasimon (v. 831-874) – Canto de dor do Coro, enquanto trazem os corpos dos dois irmãos.

ÊXODO (875-1004) – Antígona e Ismene, suas irmãs, chegam: longo canto de luto lírico do Coro (cantos amebeus).

EPÍLOGO²⁵ (v. 1005-1078) – Um arauto anuncia que Creonte, agora rei, ordena que honras fúnebres sejam concedidas a Etéocles, mas que o cadáver de Polinice seja jogado aos cães. Mesmo assim, Antígona declara que sepultará Polinice. O Coro sai, dividido entre os que aprovam Antígona e os que seguirão a ordem de Creonte.

As Fenícias de Eurípides

Essa peça, representada entre 410 e 407, retoma o tema de *Os Sete contra Tebas*, apresentando um quadro completo da lenda tebana, mas com muitas variantes: na peça de Eurípides, Jocasta não se enforcou e Édipo continua recluso no palácio (como na tradição homérica). Os dois irmãos se enfrentam diante de Jocasta; a ambição deles se opõe ao sacrifício voluntário do jovem filho de Creonte, Meneceu.

A ação se situa em Tebas, diante do palácio real.

PRÓLOGO (v. 1-201) – A velha rainha Jocasta conta a história dos labdácidas até o dia em que seus dois filhos estão em guerra um contra o outro: Polinice cerca Tebas com seus aliados, tentando reconquistar o trono. Jocasta conserva a esperança de que eles possam se reconciliar durante uma última conversa. O pedagogo descreve à Antígona, do terraço do palácio (onde o velho Édipo está recluso), o exército argivo e os sete chefes acampados na Planície; Antígona canta nesse diálogo semilírico.

PÁRODO (v. 202-260) – O Coro, formado por jovens fenícias a caminho de Delfos, onde devem se colocar a serviço de Apolo, evoca essa guerra que as obriga a interromper sua viagem.

EPISÓDIO 1 (v. 261-637) – Entrada de Polinice, receoso, que se introduziu furtivamente na cidade em

busca de uma trégua; ele encontra Jocasta, que canta sua alegria numa monodia. Etéocles também chega, mas recusa com arrogância ceder o poder, apesar dos esforços da mãe para convencê-lo. Os dois irmãos se deixam, lançando-se mutuamente um último desafio.

Stasimon (v. 638-689) – O Coro canta as ligações ancestrais entre Tiro e Tebas, e invoca seu antepassado Épafo para que proteja a cidade.

EPISÓDIO 2 (v. 690-783) – Etéocles e Creonte fazem um conselho de guerra e decidem postar sete batalhões com seus chefes nas sete portas de Tebas, para defendê-las contra os sete chefes argivos e suas tropas. ²⁶ Etéocles indica suas últimas vontades a Creonte, caso a sorte lhe seja contrária.

Stasimon (v. 784-833) – O Coro evoca a história de Tebas, seus momentos de glória e de desolação.

EPISÓDIO 3 (v. 834-1018) – Tirésias entra guiado por sua filha, em companhia de Meneceu, o jovem filho de Creonte. Ele anuncia que, como preço da salvação de Tebas, os deuses exigem o sacrifício de Meneceu. Creonte recusa com energia e ordena ao filho que fuja. Este finge aceitar, mas, após a partida do pai, declara que aceita sacrificar-se.

Stasimon (v. 1019-1066) – O Coro lembra a façanha de Édipo ao vencer a Esfinge, os crimes com que ele manchou a cidade, depois canta a glória de Meneceu.

EPISÓDIO 4 (v. 1067-1283) – Um mensageiro vem contar a Jocasta que Meneceu se matou e que o ataque dos argivos fracassou. Ele termina por confessar que os dois irmãos decidiram se enfrentar num duelo de morte para pôr fim à guerra. Jocasta se precipita junto com Antígona para tentar separá-los.

Stasimon (v. 1284-1306) – O Coro canta sua angústia.

ÊXODO (v. 1307-1766) – Entrada de Creonte, arrasado pela morte do filho. O mensageiro retorna, para contar o duelo: os dois irmãos se mataram mutuamente, e Jocasta se suicidou sobre seus corpos. Trazem os três cadáveres, e Antígona acompanha o cortejo fúnebre com um canto de luto. O velho Édipo chega gemendo e inicia um duo lírico com Antígona. Creonte, sucessor de Etéocles, exila Édipo e proíbe que Polinice seja sepultado. Antígona declara que não o obedecerá e, com seu pai, toma o caminho de Atenas.

Édipo em Colono de Sófocles

Representação póstuma em 401 – quatro anos após a morte do poeta – por seu neto, Sófocles, o Jovem; primeiro prêmio.

A ação se passa em Colono, povoado situado a noroeste de Atenas, junto ao bosque sagrado das Eumênides.

PRÓLOGO (v. 1-116) – O velho Édipo, cego e vestido como mendigo, entra, guiado por sua filha Antígona. Como eles se refugiaram num bosque, um habitante do lugar os informa de que violaram o santuário das Eumênides. Édipo exige ver o rei Teseu, e o homem se afasta para avisar seus concidadãos.

Em vez de perturbar Édipo, essa notícia o alegra: Apolo lhe predissera que ele veria o fim de suas misérias quando as Eumênides lhe oferecessem asilo. Ele dirige a elas uma prece solene, antes de ir se esconder no bosque com Antígona.

PARODO (v. 117-253) com breves diálogos, seguido de um *kommos* – O Coro, composto de anciãos de Colono, acorre, indignado com a profanação. Os dois exilados se mostram, e o infortúnio deles sensibiliza o Coro, que se contenta primeiro em fazê-los sair do bosque; no entanto, assim que Édipo

declara seu nome, eles se assustam e querem expulsá-lo, apesar de seus protestos de inocência e das súplicas de Antígona.

EPISÓDIO 1 (v. 254-667) – Comovido com as súplicas de Antígona, o Coro consente em esperar a vinda de Teseu. Nesse meio-tempo, chega Ismene, a segunda filha de Édipo. Após uma cena emocionante de reconhecimento, ela dá notícias de Tebas: Etéocles expulsou Polinice, que reuniu um exército para invadir o território. Mas um oráculo anunciou que a vitória caberá a quem se apoderar da pessoa ou dos restos mortais de Édipo. Creonte tentará convencer o velho rei banido a se aliar a Etéocles. Édipo, alegre com essa predição que confirma o antigo oráculo, responde que nunca mais retornará a Tebas, amaldiçoa os filhos ingratos que o expulsaram e pede a Ismene para fazer uma oferenda às Eumênides segundo os ritos prescritos pelo corifeu. Num *kommos* com o Coro, Édipo conta seus crimes passados e declara que devem lamentá-lo e não censurá-lo. Teseu chega finalmente e demonstra uma grande generosidade para com Édipo. Este lhe pede asilo na Ática, para que ali possa morrer: um dia, seus ossos darão a vitória aos atenienses. Teseu compromete-se a protegê-lo e se retira.

Stasimon (v. 668-719) – O Coro canta, com um brilhante lirismo, a glória da Ática.

EPISÓDIO 2 (v. 720-1043) – Chegada de Creonte, escoltado por soldados. Ele tenta, com palavras hipócritas, induzir Édipo a acompanhá-lo, mas este recusa com firmeza. Creonte insulta os habitantes de Colono e manda prender Ismene. *Kommos* e diálogo entre os dois homens e o Coro. Os soldados arrastam Antígona à força, e Creonte tenta ele mesmo se apoderar de Édipo; mas Teseu retorna neste momento, intima Creonte a se justificar, toma-o como refém e envia cavaleiros em busca dos sequestradores. Édipo clama a infâmia dos seus familiares e sua própria inocência. Teseu parte levando consigo Creonte e prometendo a Édipo devolver-lhe as filhas.

Stasimon (v. 1044-1095) – O Coro imagina a perseguição, a luta e a vitória de Teseu, depois pede aos deuses seu apoio.

EPISÓDIO 3 (v. 1096-1210) – Teseu, vencedor, traz de volta as duas filhas a Édipo, que as abraça com efusão e agradecimentos. Teseu pede então a Édipo que receba um suplicante que solicita uma audiência. Édipo, compreendendo que se trata de Polinice, primeiro recusa, depois consente ante a insistência de Teseu e de Antígona.

Stasimon (v. 1211-1248) – Canto do Coro sobre as dores da velhice e o triste destino de Édipo.

EPISÓDIO 4 (v. 1249-1555) – Polinice aparece. Diante das irmãs e do pai silencioso, ele tenta justificar-se e obter sua indulgência. Édipo permanece insensível aos remorsos de Polinice como o fizera ante as ameaças de Creonte, e o expulsa com terríveis maldições. Antígona tenta uma última vez convencer o irmão a renunciar à guerra, mas este recusa e parte desesperado. Cantos do Coro entrecortados de diálogos; ressoam trovoadas e Édipo reconhece nelas o sinal de seu fim próximo. Teseu reaparece, e Édipo lhe pede para acompanhá-lo ao lugar onde irá morrer, que deverá permanecer secreto. Atenas se beneficiará assim de uma proteção eterna contra os tebanos. Após uma última saudação à luz, ele parte, seguido por Teseu, Antígona e Ismene.

Stasimon (v. 1556-1578) – O Coro suplica às divindades da morte que concedam um fim pacífico a Édipo.

ÊXODO (v. 1579-1779) – Um mensageiro narra os últimos instantes de Édipo, marcados de calma e solenidade até o seu súbito desaparecimento, misterioso para todos, com exceção de Teseu. Antígona e Ismene aparecem: cheias de dor e de emoção mística, elas cantam com o Coro um longo *kommos* de luto. Teseu retorna para declarar que Édipo encontrou a paz e deixa as duas irmãs partirem para

Antígona de Sófocles

Representada em 442, essa tragédia obteve provavelmente o primeiro prêmio, pois a tradição diz que seu sucesso valeu a Sófocles ser nomeado estrategista para a expedição dirigida contra Samos. Escrita muito tempo antes de *Édipo rei* e *Édipo em Colono*, da qual é a continuação lógica, essa peça é visivelmente inspirada pela última parte de *Os Sete contra Tebas* de Ésquilo.

A ação se passa em Tebas, diante do palácio real.

PRÓLOGO (v. 1-99) – Antígona expõe a situação à sua irmã Ismene: o exército de Argos levantou o cerco. Tebas está salva, mas Etéocles e Polinice mataram-se mutuamente. Creonte, agora rei, promulgou um édito desumano: quer que o cadáver de Polinice permaneça sem sepultura e seja deixado aos animais de rapina, e decretou a pena capital contra os que infringirem esse édito. Antígona resolveu prestar os últimos deveres ao cadáver do irmão e pressiona a irmã a ajudá-la. Ismene, temerosa, recusa. Antígona decide agir sozinha.

PÁRODO (v. 100-161) – O Coro, composto de anciãos tebanos, saúda a vitória de Tebas, canta os episódios da batalha e quer celebrar os deuses.

EPISÓDIO 1 (v. 162-331) – Creonte sai do palácio e proclama novamente suas ordens. Ele será inflexível com todo aquele que desrespeitar sua vontade. Um dos guardas encarregados de vigiar o cadáver chega, tremendo, e conta ao rei, com um pavor cômico, que um desconhecido ousou jogar um pouco de terra sobre o cadáver de Polinice: assim os ritos foram cumpridos. Creonte se enfurece e ameaça, promete punições se o culpado não se entregar.

Stasimon (v. 332-383) – O Coro louva o gênio do homem e seus progressos, mas lamenta que sua audácia possa também conduzi-lo à perdição.

EPISÓDIO 2 (v. 384-581) – O guarda retorna muito satisfeito. Ele conduz Antígona que, tendo voltado para sepultar o irmão, desta vez foi pega em flagrante. Um violento confronto se estabelece entre o tirano e a heroína. Às recriminações e invectivas de Creonte, que fala em nome da razão de Estado, Antígona replica com a afirmação das leis “não escritas, mas imutáveis”: a justiça divina prevalece sobre a dos homens. Creonte a condena à morte. Ismene pede para compartilhar sua sorte, mas Antígona a rechaça. As duas jovens são levadas ao palácio.

Stasimon (v. 582-630) – O Coro deplora a triste condição dos homens e as infelicidades dos labdácidas. Canta o poder de Zeus e de Ate, a deusa que tenta os humanos para melhor fazê-los cair sob o golpe do castigo divino.

EPISÓDIO 3 (v. 631-780) – Entra Hêmon, o filho mais jovem de Creonte, primo-irmão e noivo de Antígona. Respeitosamente mas com firmeza, ele suplica ao pai que reflita e poupe a vida de Antígona. O rei não cede e injúria o jovem, que se afasta desesperado, pronunciando palavras lúgubres que fazem o Coro temer o pior. Creonte repete que mandará encerrar Antígona viva numa caverna, deixando-a à mercê dos deuses.

Stasimon (v. 781-805) – Os anciãos tebanos cantam o poder e os efeitos de Eros, “o indomável Amor”.

EPISÓDIO 4 (v. 806-943) – Antígona reaparece, escoltada pelos guardas que a levam para a prisão. Longo *kommós* entre o Coro e Antígona: os velhos a lamentam ao mesmo tempo em que a censuram – é sua audácia desmedida e atávica que a conduz a essa situação. Antígona faz uma dolorosa

despedida à juventude e à vida. Depois dirige a palavra a Creonte, que veio apressar os guardas, e explica-se pela última vez: ela não lamenta nada e marcha ao suplício com a consciência de que morrerá vítima de um sagrado dever. Ela é levada definitivamente.

Stasimon (v. 944-987) – O Coro dá exemplos de personagens que foram aprisionados ou sofreram um cruel destino: Dânae, Licurgo e os dois filhos de Fineu, cegados por sua madrasta.

EPISÓDIO 5 (v. 988-1114) – Chega o adivinho Tirésias: os presságios aconselham Creonte a libertar Antígona e a sepultar Polinice. O rei responde com zombarias e insultos. Tirésias prediz que lhe acontecerá uma desgraça semelhante e se retira. Creonte perturba-se com as predições sinistras do adivinho e, aconselhado pelo corifeu, precipita-se para anular a ordem fatal.

Stasimon (v. 1115-1154) – O Coro chama Baco, o deus tebano, em socorro da cidade ameaçada por novas desgraças.

ÊXODO (v. 1155-1353) – Um mensageiro anuncia que Creonte, vindo libertar Antígona, encontrou-a enforcada na caverna, e que Hêmon se matou junto dela, após ter cuspido no rosto do pai. Aparece Eurídice, mulher de Creonte: ela escuta os detalhes do relato do mensageiro e depois se retira sem uma palavra. Creonte retorna trazendo nos braços o corpo do filho. Longo *kommós*, intensificado pela notícia trazida por um servidor: Eurídice também se suicidou. Esmagado por essas desgraças, Creonte compreende tarde demais sua cegueira.

***As Suplicantes* de Eurípides**

Essa tragédia, representada em 423, é uma continuação de *Os Sete contra Tebas* de Ésquilo e de *As Fenícias* do próprio Eurípides, mas, na verdade, ela retoma o conjunto dos acontecimentos da expedição contra Tebas e anuncia a futura expedição dos Epígonos. Trata-se de uma espécie de propaganda à glória de Atenas e de sua democracia, contendo numerosas passagens retóricas ou mesmo didáticas (é Teseu, rei de Atenas, que faz o elogio do regime democrático!).

A ação se passa em Elêusis, diante do templo de Deméter.

PRÓLOGO (v. 1-41) – Etra, a velha mãe de Teseu, está de pé diante do altar, rezando a Deméter; à sua volta estão as mães dos sete heróis argivos que morreram no cerco a Tebas, os seus órfãos, Adrasto, o rei de Argos, único chefe sobrevivente da expedição contra Tebas, e acompanhantes. Ela expõe a situação: após a morte dos Sete, suas mães foram a Elêusis, não longe de Atenas, para pedir a Teseu que interceda junto aos tebanos a fim de que lhes devolvam os corpos dos filhos para cumprir os ritos fúnebres. Compadecida, Etra manda chamar o filho.

PÁRODO²⁷ (v. 42-86) – As mães suplicam a Etra que se compadeça delas. Suas acompanhantes reforçam essas lamentações.

EPISÓDIO 1 (v. 87-364) – Chega Teseu: ele interroga Adrasto, censura sua conduta funesta e o assalto ímpio contra Tebas, e rejeita seu pedido. O Coro implora novamente a Etra que peça ao filho para ajudar as Suplicantes. Teseu condescende, mas deseja antes obter a concordância do seu povo. Ele se afasta com Etra e Adrasto.

Stasimon (v. 365-380) – O Coro faz o elogio de Teseu e de Atenas.

EPISÓDIO 2 (v. 381-597) – Teseu retorna: ele está disposto a enviar um arauto a Tebas para pedir a autorização de sepultar os corpos. Neste momento, chega um arauto com uma mensagem de Creonte: este ataca com insolência o regime democrático de Atenas e proíbe a Teseu receber Adrasto sob pena de guerra. Longo *agôn* (debate) retórico entre os dois homens sobre os méritos respectivos da

democracia e da tirania. Teseu defende a piedade devida aos mortos, recusa o ultimato de Creonte e vai preparar seu exército para marchar contra Tebas.

Stasimon (v. 598-633) – Temores e esperanças do Coro, que fica apreensivo com essa nova guerra e pede aos deuses que apóiem Atenas.

EPISÓDIO 3 (v. 634-777) – Um mensageiro vem contar a Adrasto e ao Coro a batalha e a vitória de Teseu, que sepultou ele mesmo os corpos dos soldados argivos no monte Citéron e traz de volta os dos sete chefes.

Stasimon (v. 778-836) – Adrasto e o Coro cantam sua alegria e sua dor que se intensificam à chegada do cortejo fúnebre.

EPISÓDIO 4 (v. 837-954) – Teseu retorna e pede a Adrasto para fazer o elogio dos sete chefes, mas sem relatar seu fatal combate.²⁸ Após um breve canto de luto das mães, Teseu manda erguer duas fogueiras, uma para Capaneu, fulminado por Zeus, e a segunda para os outros chefes.

Stasimon (v. 955-979) – Canto de luto das mães sobre os corpos de seus filhos.

EPISÓDIO 5 (v. 980- 1122) – Aparece Evadne, a viúva de Capaneu, que canta numa monodia seu amor pelo esposo e seu desejo de se juntar a ele na morte. Seu velho pai, Ifis, não consegue dissuadi-la: ela se lança nas chamas da fogueira, e ele se retira desesperado.

Stasimon (v. 1123-1164) – Lamentações das mães e dos jovens órfãos²⁹ que trazem as urnas funerárias.

ÊXODO (v. 1165-1234) – Cumprida a sua missão, Teseu se despede e dá suas recomendações aos argivos. Ele recebe os agradecimentos de Adrasto, quando a deusa Atena aparece. Ela pede que Adrasto faça o juramento de que Argos será a eterna aliada de Atenas, e que os filhos desses heróis argivos se preparem para vingar seus pais quando tiverem idade para isso, predizendo a futura expedição vitoriosa dos *Epígonos* contra Tebas. Teseu jura que todos eles obedecerão a suas ordens.

¹⁹. Nome dado aos filhos dos sete chefes que pereceram diante de Tebas. Eles sairão vitoriosos, mais tarde, numa segunda expedição contra essa cidade. (N.T.)

²⁰. Conhecemos uns trinta títulos de tragédias relacionadas aos labdácidas e à história de Tebas. (N.A.)

²¹. Filha de Cadmo, rei de Tebas; seduzida por Zeus, ela deu à luz Dioniso. (N.T.)

²². Construção ao fundo do palco, que funcionava como cenário e bastidores. (N.T.)

²³. O final da peça está mutilado e apresenta muitas lacunas. A maior parte das reconstituições se baseia num longo drama religioso de 2.610 versos, *Christos Paschon* (ou *Christus Patiens, o Cristo sofredor*), escrito no século XI ou no XII d.C. por um autor bizantino (Constantino Manassés?), e talvez originado de uma compilação de Eurípides feita por Gregório de Nazianza no século IV d.C. (N.A.)

²⁴. Praça principal das antigas cidades gregas. (N.T.)

²⁵. Esse epílogo é talvez apócrifo, composto algumas décadas mais tarde por referência à *Antígona* de Sófocles e às *Fenícias* de Eurípides. Nesse caso, teria havido certamente modificações a partir do verso 861, e Antígona e Ismene não participariam dos cantos do êxodo. (N.A.)

²⁶. “Nomear cada um deles te faria perder muito tempo, quando o inimigo acampa ao pé de nossas muralhas”, diz Etéocles (v. 751-752), alusão à longa litania dos nomes dos chefes no segundo episódio de *Os Sete contra Tebas*, peça representada sessenta anos antes. Eurípides critica assim implicitamente o “falatório” e a pouca verossimilhança de seu ilustre predecessor, como o fará também para o reconhecimento de Orestes em sua *Electra*. (N.A.)

²⁷. Não se trata de um párodo propriamente dito, pois as mulheres do coro já se encontram em cena. (N.A.)

²⁸. Eurípides critica de novo implicitamente, como em *As Fenícias*, o “falatório” de Ésquilo que, provavelmente, fez esse relato em suas *Eleusinianas*. (N.A.)

²⁹. Esses jovens formam um coro secundário ou *parachoregema*. (N.A.)

CAPÍTULO III

O CICLO DE HÉRACLES

Eurípides: *Héracles furioso*, *Alceste*; Sófocles: *As Traquinianas*; Eurípides: *Os Heraclidas*.

As façanhas de Héracles combinam elementos muito diversos, que vão desde contos folclóricos até mitos de origem religiosa. Elas compreendem os famosos doze Trabalhos, bem como guerras comandadas pelo herói, episódios que não são tratados nas tragédias conservadas. A esse *corpus* principal se acrescentam as aventuras que lhe aconteceram antes dos Trabalhos (*Héracles furioso*), durante esse período (*Alceste*) ou no momento de sua morte (*As Traquinianas*), e depois as guerras conduzidas por seus descendentes (*Os Heraclidas*). Contrariamente ao ciclo tebano, no qual intervêm muitos personagens importantes, todo o ciclo de Héracles gira em torno da figura do herói, e as tragédias conservadas retêm apenas alguns dos seus episódios.

Héracles é o único herói que aparece ao mesmo tempo nas tragédias e nas comédias conservadas (*As aves* e *As rãs* de Aristófanes). Se seu papel em *Alceste* é mais pitoresco e cômico, cumpre reconhecer que as três tragédias que fazem dele seu herói talvez não figurem entre as obras-primas de seus autores.

Héracles furioso (ou Héracles, ou A loucura de Héracles) de Eurípides

Tragédia representada provavelmente em 414. Eurípides situa a ação no final dos doze Trabalhos de Héracles³⁰, mudando a cronologia tradicional do episódio, que acontece antes de Héracles colocar-se a serviço de Euristeu. O poeta combina assim o assassinato dos filhos que ele teve de Mégara, filha mais velha de Creonte, o rei de Tebas, e a história de Lico, um usurpador vindo da Eubeia, que matou Creonte e se apoderou do trono enquanto Héracles descia aos Infernos. Além disso, Eurípides introduz Teseu, que representa a sabedoria ática oposta à violência dória.

A ação se passa em Tebas, diante do palácio de Creonte.

PRÓLOGO (v. 1-106) – O velho Anfitrião, ex-rei de Argos e pai putativo de Héracles, expõe a situação: Héracles desceu aos Infernos para buscar Cérbero, e todos o creem morto. Lico, um eubeu, usurpou o poder, assassinou Creonte e decidiu matar toda a sua família. Anfitrião, sua nora Mégara e os três filhos que ela teve de Héracles, se refugiaram ao pé de um altar. Mégara perdeu toda a esperança e declara aceitar a morte; o velho tenta apaziguá-la.

PARADO (v. 107-137) – O Coro dos anciãos tebanos faz sua entrada: eles se queixam de sua velhice e lamentam a família de Héracles.

EPISÓDIO 1 (v. 138-347) – Lico vem com arrogância confirmar suas ordens, ao mesmo tempo em que zomba da memória de Héracles; Anfitrião responde-lhe com eloquência, mas Lico ordena que lhe preparem uma fogueira. Os anciãos, indignados, tomam corajosamente o partido dos condenados, mas Mégara convence Anfitrião de que é melhor aceitar a morte. Ela obtém de Lico a permissão de voltar ao palácio para vestir os ornamentos fúnebres.

Stasimon (v. 348-441) – O Coro canta longamente as façanhas de Héracles.

EPISÓDIO 2 (v. 442-636) – Os condenados voltam e se lamentam quando Héracles, inesperadamente, aparece: ele voltou dos Infernos de onde trouxe Cérbero e Teseu; ao saber do perigo que corre sua família, ele planeja com Anfitrião o assassinato de Lico. Todos voltam a entrar no palácio.

Stasimon (v. 637-700) – O Coro canta as alegrias da juventude, as Musas e Hércules.

EPISÓDIO 3 (v. 701-734) – Lico reaparece, e Anfítrio faz com que ele mesmo vá buscar Mégara no palácio.

Stasimon (v. 735-814) – Ao ouvir os gritos do tirano que Hércules matou, o Coro canta sua alegria e a glória do filho de Zeus.

EPISÓDIO 4 (v. 815-1015) – Duas deusas aparecem acima do palácio: Íris, mensageira dos deuses, e Lissa (a Raiva). Íris anuncia ao Coro que Hera decidiu enlouquecer Hércules a fim de que ele massacre os próprios filhos, acreditando matar os de Euristeu. Lissa declara que obedecerá, mas a contragosto. Numa passagem lírica, o Coro se lamenta ao ouvir os gritos de Anfítrio em meio ao massacre. Um servidor sai do palácio e narra em detalhe a terrível carnificina, primeiro cantando, depois num longo relato falado: Hércules matou seus filhos, depois a mãe deles, e ia atacar Anfítrio quando Atena o atingiu com uma pedra que o mergulhou no sono.

Kommos (v. 1016-1085) – O Coro lembra alguns crimes monstruosos, quando o *ecicléma*³¹ faz aparecer Hércules adormecido, cercado dos cadáveres de seus filhos. Anfítrio, desesperado, vem pedir ao Coro para não despertar Hércules. Todos choram em silêncio, temendo o despertar do furioso.

ÊXODO (v. 1086-1428) – Hércules desperta: seu pai o leva aos poucos a constatar a horrível realidade. Ao ver os crimes que involuntariamente cometeu, ele pensa em se matar. Aparece Teseu que, sabendo da usurpação de Lico, vinha em seu auxílio. Hércules lhe expõe longamente suas desgraças, mas Teseu o encoraja a viver e o convida a expiar sua culpa em Atenas. Hércules deixa-se por fim convencer e aceita a hospitalidade do primo. Afasta-se com ele, dominando com dificuldade sua dor.

Alceste de Eurípides

Alceste era a última peça da tetralogia apresentada em 438 por Eurípides, isto é, ocupava o lugar do drama satírico. Isso certamente explica o tom satírico de algumas cenas e o final feliz da peça. Eurípides obteve o segundo prêmio. A ação se passa quando Hércules se prepara para realizar seu oitavo Trabalho, a captura das éguas de Diomedes, rei da Trácia, que as alimentava com carne humana.

A ação é ambientada em Feras, na Tessália, diante do palácio de Admeto.

PRÓLOGO (v. 1-76) – Apolo sai do palácio do seu amigo, o rei Admeto, com um arco na mão e expõe o tema em algumas palavras. Ele obteve das Parcas que Admeto viva se alguém consentir em morrer em seu lugar. Somente Alceste, sua esposa, aceitou sacrificar-se e ela deve morrer naquele dia. Assim, Apolo se afasta para evitar a visão de um cadáver, o que é uma mácula para os Imortais. Cruza então com Tânatos (a Morte) que vem buscar sua vítima. Num diálogo vivo e sutil, Apolo tentar enternecer Tânatos, mas sem êxito. Vai embora, predizendo-lhe que sua vítima lhe será arrebatada por Hércules.

PÁRODO (v. 77-135) – O Coro, composto de cidadãos de Feras, faz sua entrada e se interroga sobre a sorte de Alceste, pois nenhum sinal de luto é visível. Uma parte do Coro exprime uma pequena esperança, enquanto a outra crê que o destino fatal se cumprirá.

EPISÓDIO 1 (v. 136-212) – Uma serva vem anunciar, com lágrimas nos olhos, que Alceste ainda vive, mas se debate contra a morte. Num relato simples e comovente, a serva conta a despedida de Alceste

à sua morada e a seu leito nupcial. Por fim anuncia sua vinda, pois Alceste quer ver pela última vez os raios do sol.

Stasimon (v. 213-243) – O Coro lamenta brevemente o rei que vai perder a esposa bem-amada.

EPISÓDIO 2 (v. 244-434) – Alceste aparece moribunda na entrada do palácio, sustentada pelo esposo, cercada dos filhos e dos servidores. Ela canta, num diálogo semilírico, sua despedida à vida, mas, antes de morrer, faz o esposo prometer nunca dar uma madrasta aos filhos. Ele promete com emoção, e ela morre docemente, enquanto seu filho mais jovem, o pequeno Eumélio, entoia lamentos comoventes. Entristecido, Admeto entra no palácio para preparar o cortejo fúnebre.

Stasimon (v. 435-475) – Enquanto espera os funerais, o Coro louva “a melhor das mulheres”; deseja que ela seja feliz no Hades e prediz que os poetas a celebrarão eternamente.

EPISÓDIO 3 (v. 476-567) – Aparece Hércules, que está a caminho da Trácia para se apoderar das éguas de Diomedes. Constatando a tristeza que reina no palácio, ele propõe a Admeto, que vem recebê-lo, pedir hospitalidade noutro lugar. Mas o rei retém seu hóspede, convencendo-o de que os funerais são de uma estrangeira, e ordena que lhe sirvam uma refeição copiosa num alojamento afastado.

Stasimon (v. 568-605) – O Coro exalta a hospitalidade de Admeto, tão apreciada por Apolo, e espera que ela encontre sua recompensa.

EPISÓDIO 4 (v. 606-961) – Admeto retorna para junto do cortejo fúnebre quando chega seu pai, Feras, o antigo rei que lhe cedeu o trono, com oferendas para a morta. Admeto o rechaça duramente, reprovando-lhe por ter recusado sacrificar-se. Começa uma violenta discussão diante do ataúde, os dois homens acusando-se de egoísmo, lançando injúrias e maldições um ao outro. Feras vai embora, e o cortejo se afasta, seguido pelo Coro.

Um servidor vem contar que Hércules se embriagou de maneira indecente e que canta aos berros. Este aparece e o servidor, censurando sua atitude, acaba por lhe informar a triste verdade. Hércules, confuso por seu engano, precipita-se para arrancar Alceste de Tântatos. Admeto retorna do funeral e, desesperado, se arrepende de ter aceito o sacrifício. Ora cantando, ora falando, ele derrama abundantes lágrimas, enquanto é consolado pelo Coro.

Stasimon (v. 962-1005) – O Coro canta um hino sobre a Necessidade e promete que Alceste será honrada tanto quanto os deuses.

ÊXODO (v. 1006-1163) – Hércules reaparece, seguido de uma mulher velada. Ele afirma que é um prêmio ganho num concurso atlético e pede a Admeto que a guarde até seu retorno da Trácia. Por respeito à falecida, o rei começa por recusar, mas por fim aceita. Hércules retira então o véu e Admeto reconhece a esposa (que só voltará a falar três dias mais tarde). Em meio a festejos, Hércules parte para novas façanhas.

As Traquinianas de Sófocles

Data de representação desconhecida. Trata-se de uma peça em duas partes, com uma heroína, Dejanira, na primeira, que cederá o lugar a Hércules na segunda, sem jamais encontrá-lo.

A ação se passa em Traquine, na Tessália, perto das Termópilas, diante do palácio do rei Ceix, que acolheu Hércules após o assassinato de Ífito.

PRÓLOGO (v. 1-93) – Dejanira se queixa de que seu marido, Hércules, a abandonou há muito meses, após tê-la conduzido em exílio a Traquine. A conselho de sua aia, ela envia Hilo, um de seus filhos,

em busca do pai que está guerreando na Eubeia contra Êurito, rei de Ecália.

PÁRODO (v. 94-140) – Entrada do Coro, composto de jovens mulheres de Traquine, que tentam tranquilizar Dejanira.

EPISÓDIO 1 (v. 141-496) – Dejanira insiste nas razões que tem de se inquietar, mas chega um mensageiro para anunciar que Hércules está vivo e é vencedor: ele está a caminho de volta e enviou seu arauto Licas. As jovens entoam um breve canto de alegria (*peã*) interrompido pela chegada de Licas, acompanhado de um grupo de prisioneiras. Licas dá as razões da longa ausência de Hércules: por culpa de Êurito, ele teve que passar um ano como escravo de Ônfale em expiação da morte de Ífito. Cumprida sua pena, ele voltou para vingar-se de Êurito e tomou sua cidade de Ecália; as prisioneiras representam sua parte no butim. Dejanira se alegra, mas se compadece da sorte daquelas infelizes. Aponta uma delas, mas Licas finge ignorar quem ela é e sai com as cativas. O mensageiro revela então a Dejanira que aquela jovem é Iole, filha de Êurito, e que a verdadeira razão dessa guerra foi a paixão que Hércules sentiu por ela. Não tendo podido obtê-la de seu pai, ele destruiu a cidade. Licas retorna para levar a resposta de Dejanira e acaba por confirmar as palavras do mensageiro. Dejanira afirma não ter ciúmes e encarrega Licas de levar um presente a Hércules juntamente com sua mensagem.

Stasimon (v. 497-530) – O Coro canta o combate que Hércules travou contra o rio Aquelóo, outro pretendente de Dejanira, que se transformou em touro para esse confronto.

EPISÓDIO 2 (v. 531-632) – Dejanira explica ao Coro em que consiste o presente que ela encarregou Licas de levar ao esposo: é uma túnica que ela tingiu com o sangue do centauro Nesso, que Hércules matou outrora com uma flecha envenenada. Nesso havia dito a Dejanira que, se convencesse o marido a usá-la, ele não a trocava por nenhuma outra mulher. O Coro a aprova, e ela entrega a Licas a túnica dentro de um cofre, com a recomendação de que Hércules não a exponha ao sol nem às chamas antes de usá-la. Licas parte para se encontrar com Hércules.

Stasimon (v. 633-662) – O Coro canta a alegre perspectiva do retorno do herói.

EPISÓDIO 3 (v. 663-820) – Dejanira reaparece, alarmada: a cobertura de lã que havia utilizado se volatilizou, e ela teme que a túnica esteja envenenada. Hilo chega e acusa a mãe de ter assassinado o pai: a carne dele pôs-se a queimar assim que vestiu a túnica. Dominado por sofrimentos atrozes, ele matou Licas; agora é trazido de volta, agonizante, a Traquine. Horrorizada, Dejanira entra no palácio sem dizer uma palavra.

Stasimon (v. 821-861) – O Coro comenta dolorosamente esse golpe do destino e de Afrodite.

EPISÓDIO 4 (v. 862-946) – A aia de Dejanira vem anunciar que a infeliz se suicidou, primeiro num *kommós* com o Coro, depois dando os horríveis detalhes num relato falado.

Stasimon (v. 947-970) – O Coro lamenta brevemente o triste destino do casal.

ÊXODO (v. 971-1278) – Homens trazem Hércules adormecido, acompanhado do filho e de um velho. O herói desperta e, ora falando, ora cantando, exprime sua dor e amaldiçoa Dejanira. Hilo lhe revela que ela se suicidou, transtornada pela culpa involuntária e movida por amor. Hércules, compreendendo a vingança póstuma de Nesso, se apazigua um pouco e indica a Hilo suas últimas vontades: que ele erga uma fogueira no monte Eta para ali arder vivo e que, após sua morte, Hilo se case com Iole. Hilo objeta, mas por fim consente. Hércules é levado até o Eta.

Tragédia “patriótica”, representada entre 430 e 428, após a primeira invasão da Ática pelo exército espartano. Nesse período, Atenas busca a aliança de Argos contra os lacedemônios, que descendem dos Heraclidas. Isso explica certamente a reviravolta final, em que Euristeu, perseguidor ímpio de crianças, torna-se o futuro defensor de Atenas contra os descendentes ingratos daqueles que a cidade da deusa Atena havia salvo.

A ação se passa em Maratona, diante do altar de Zeus.

PRÓLOGO (v. 1-72) – Iolau, um sobrinho de Hércules, expõe a situação: após a morte do herói, seus filhos vagaram de uma cidade a outra para escapar do ódio de Euristeu. Esperando que a cidade de Atenas, onde reinam os dois filhos de Teseu, tome sua defesa, eles se detiveram como suplicantes em Maratona. Iolau cuida dos filhos homens, e Alcmena, a mãe de Hércules, das filhas mulheres, refugiadas no interior do templo. Aparece Copreu, o arauto de Euristeu, que pretende levar as crianças à força. Começa um combate entre Copreu e Iolau, que leva a pior e clama por auxílio.

PÁRODO (v. 73-110) – O Coro, composto por anciãos do vilarejo de Maratona, precipita-se a esse chamado e, num diálogo semilírico, tenta separar os adversários. Os anciãos condenam a impiedade de Copreu.

EPISÓDIO 1 (v. 111-352) – O rei Demofonte, filho de Teseu, chega com seu irmão e guardas. Ele dá a palavra a Copreu, depois a Iolau, e pronuncia-se em favor dos suplicantes. Copreu parte furioso, declarando que o exército de Argos não tardará a atacar Atenas. Iolau agradece a Demofonte, que vai se preparar para receber o ataque de Euristeu.

Stasimon (v. 353-380) – O Coro canta a superioridade de Atenas sobre Argos.

EPISÓDIO 2 (v. 381-607) – Demofonte retorna, preocupado: o exército argivo se apresentou e o de Atenas está preparado, mas os oráculos dizem que deve ser imolada uma virgem de raça nobre para obter a vitória. O rei se recusa a sacrificar uma ateniense. A jovem Macária, uma das filhas de Hércules, sai do templo e se oferece à morte. Demofonte e Iolau admiram sua abnegação e consentem seu sacrifício.

Stasimon (v. 608-629) – Breves considerações do Coro sobre os reveses da fortuna e a triste sorte da menina.

EPISÓDIO 3 (v. 630-747) – Um servidor vem anunciar a chegada de um exército comandado por Hilo, o filho mais velho de Hércules e de Dejanira. Iolau explica a situação a Alcmena e declara que ele também combaterá, apesar da idade avançada.

Stasimon (v. 748-783) – O Coro invoca o apoio de Zeus e principalmente de Atena, deusa tutelar da cidade.

EPISÓDIO 4 (v. 784-891) – Um mensageiro chega para anunciar a vitória a Alcmena: ele narra em detalhe a batalha e de que maneira Iolau, milagrosamente rejuvenescido, fez Euristeu prisioneiro.

Stasimon (v. 892-927) – O Coro canta a alegria de ver o perigo afastado, a glória de Hércules e o poder de Atena.

ÊXODO (v. 928-1055) – Euristeu, acorrentado, é arrastado aos pés de Alcmena. Apesar da atitude digna e corajosa de Euristeu, ela despeja seu ódio contra aquele que perseguiu sua raça. Como os atenienses se recusam a matá-lo, Alcmena diz que ela mesma o matará. Euristeu revela um oráculo de Apolo que prediz que seu corpo, sepultado em Atenas, protegerá os atenienses contra os descendentes daquelas mesmas crianças, os quais, cheios de ingratidão, voltarão mais tarde para invadir a Ática. Escravos o levam ao suplício.

-
- [30.](#) Ele considera que seu último trabalho é a captura de Cérbero, o cão dos Infernos, e não as maçãs de ouro das Hespérides. (N.A.)
- [31.](#) Plataforma que serve para mostrar cadáveres ou cenas que supostamente se passam no interior. (N.A.)

CAPÍTULO IV

O CICLO MICENIANO

Ésquilo: *As Suplicantes*; Eurípides: *Ifigênia em Áulis*; Ésquilo: *Agamênon*, *As Coéforas*; Sófocles: *Electra*; Eurípides: *Electra*, *Orestes*; Ésquilo: *As Eumênides*; Eurípides: *Ifigênia em Táurida*.

A Argólida é a região do Peloponeso onde se desenvolveu a Idade do Bronze da civilização dita miceniana, que corresponde à idade dos heróis de Hesíodo e à Guerra de Troia, isto é, cerca de 1.200 a.C. As três cidades principais são Argos, Micenas e Tirinto; distantes uns vinte quilômetros uma da outra, dominando o golfo de Náuplia, elas tiveram sucessivamente a hegemonia na região. Muitas vezes a localização precisa deste ou daquele episódio é difícil: via de regra, os poetas empregam o nome de “Argos” tanto para essa cidade quanto para a Argólida inteira ou mesmo Micenas.

Com exceção de *As Suplicantes* de Ésquilo, que faz referência a um mito antigo da Argólida, todas as outras tragédias conservadas desse ciclo dizem respeito à família dos átridas³², uma das mais antigas da Grécia, que acumulou maldições desde a sua origem.

As Suplicantes de Ésquilo

As Suplicantes iniciava uma trilogia dedicada às Danaides e era acompanhada de *Os Egípcios*, *As Danaides* e o drama satírico *Amimone*. Ésquilo conquistou o primeiro prêmio.

As Suplicantes foi por muito tempo considerada como a mais arcaica e, portanto, a mais antiga das tragédias conservadas, datada dos anos 493-490. Nessa peça, o coro das “cinquenta³³ filhas” de Dânaos tem um papel excepcionalmente importante (ele pronuncia mais da metade dos versos da peça), a ação é muito reduzida, o segundo ator é pouco utilizado, os episódios de atores são curtos e os *stasima*, longos e magníficos. A descoberta, publicada em 1952, de um papiro egípcio no qual um fragmento de didascália³⁴ estabelecia que a trilogia das Danaides fora representada juntamente com obras de Sófocles, foi uma “revelação filológica”. Provou que a obra não podia ser anterior aos anos 465-460, a data mais plausível sendo 463. Assim, foi preciso abandonar (apesar de muitas reticências) a teoria de uma evolução progressiva do ritual ao drama baseada nesta tragédia, que parecia um exemplo característico do gênero em seus começos. Isso mostra também os perigos das teorias fundadas sobre critérios puramente estilísticos.

A ação se passa na Argólida, perto da beira do mar, diante de um altar ornado de estátuas dos deuses.

PRÓLOGO-PÁRODO (v. 1-175) – O corifeu expõe brevemente a situação: Dânaos, rei da Líbia, embarcou com suas cinquenta filhas que querem escapar do casamento com seus primos, os cinquenta filhos de Egito, irmão de Dânaos e rei do Egito, os quais também tomaram o caminho do mar para persegui-las. Os fugitivos chegam à Argólida, terra de seu antepassado Io. As Danaides cantam longamente sua angústia e sua determinação e invocam seus ancestrais, Io e Zeus, cujo poder glorificam.

EPISÓDIO 1 (v. 176-523) – Dânaos dá conselhos às filhas sobre a atitude modesta a adotar a fim de sensibilizar as autoridades do país. Chega o rei Pelasgo e, num diálogo semilírico, procede a um

longo interrogatório do Coro, que lhe pede ajuda. Pelasgo pesa os riscos de uma guerra de represália, se conceder o asilo, e deseja antes obter a concordância do seu povo. As Danaides juram que se enforçarão nas estátuas dos deuses se ele recusar. O rei autoriza Dânaos a defender sua causa em Argos diante do povo dos pelasgos; as jovens ficarão sob a proteção dos deuses.

Stasimon (v. 524-599) – O Coro invoca Zeus e lhe pede para salvá-lo, como fez com Io no final de sua errância.

EPISÓDIO 2 (v. 600-624) – Dânaos reaparece, feliz: o povo de Argos aceita por unanimidade acolher as suplicantes em seu solo.

Stasimon (v. 625-709) – O Coro louva os pelasgos por terem escolhido defender as mulheres contra os homens e pede aos deuses benefícios a esse povo.

EPISÓDIO 3 (v. 710-775) – O aparecimento da esquadra de Egito semeia o pavor entre o Coro; Dânaos tenta tranquilizar as filhas e parte em busca de socorro.

Stasimon (v. 776-824) – O Coro canta seu terror e implora a Zeus para salvá-lo.

ÊXODO (v. 825-1073) – Um arauto egípcio chega acompanhado de soldados: num longo *kommos*, ele ameaça as Danaides e quer embarcá-las à força. Pelasgo chega a tempo de impedi-lo e manda embora o arauto; este declara que haverá uma guerra terrível e parte prometendo a vitória dos machos. O rei assegura às jovens que elas poderão contar com a hospitalidade e a proteção dos pelasgos. Dânaos as convida a ir à cidade e lá viver virtuosamente. Elas consentem e põem-se a caminho de Argos, num canto alternado³⁵ em que glorificam os deuses e reafirmam seu voto de virgindade e seu horror ao casamento, com o risco de irritar Afrodite.³⁶

***Ifigênia em Áulis* de Eurípides**

Essa tragédia, que inspirou a Racine o seu *Iphigénie*, faz parte da trilogia escrita em 408/407 por Eurípides na corte de Arquelau da Macedônia. Foi encenada postumamente em Atenas por seu filho Eurípides, o Jovem, em 405, com *As Bacantes* e *Alcméon* (perdida), e obteve o primeiro prêmio. Muitas passagens chegaram até nós em mau estado ou são suspeitas de interpolações, do século IV ou da época bizantina, especialmente o desfecho milagroso (v. 1578-1629).

A ação se passa diante da tenda de Agamênon, no acampamento dos gregos em Áulis, na costa da Beócia, diante da ilha de Eubeia e da cidade de Cálcis.

PRÓLOGO (v. 1-163) – É noite. O rei Agamênon, tomado de um grande nervosismo, expõe a um velho servidor a causa de sua agitação: ele evoca primeiro o casamento de seu irmão Menelau com Helena, o rapto desta por Páris e a reunião da frota dos chefes gregos, bloqueada em Áulis por falta de vento. Depois ele revela que, segundo o adivinho Calcas, a deusa Ártemis exige o sacrifício de sua filha Ifigênia para permitir aos barcos gregos navegar em direção a Troia. O primeiro movimento de Agamênon foi desistir do empreendimento, mas, pressionado por Menelau, ele cedeu e escreveu à esposa Clitemnestra pedindo-lhe para enviar a jovem filha, sob pretexto de casá-la com Aquiles, o herói tessálio, que ignora este projeto. Agora ele se arrepende e envia o fiel servidor a Argos com uma mensagem secreta a Clitemnestra que anula suas primeiras instruções.

PÁRODO (v. 164-302) – Desponta a aurora. Entrada do Coro, composto de moças de Cálcis. Curiosas e tagarelas, elas cantam longamente sua visita ao acampamento dos gregos, os célebres heróis presentes, especialmente Aquiles, e o “catálogo dos navios” aqueus.

EPISÓDIO 1 (v. 303-542) – Aparece Menelau, que surpreendeu o velho e leu a mensagem secreta de

Agamênon. Este se apresenta: violenta discussão entre os dois irmãos, Agamênon recusando-se a imolar a filha e Menelau acusando-o de traição. Um fato repentino põe fim a essa disputa: um mensageiro anuncia a chegada de Ifigênia e de Clitemnestra; Agamênon dispõe-se a aceitar seu destino, mas Menelau, comovido, muda de opinião, cessa de exigir a morte da sobrinha e se reconcilia com o irmão. Mas Agamênon teme as reações do exército e, principalmente, de Ulisses.

Stasimon (v. 543-589) – O Coro canta a serenidade que a virtude traz e a perdição dos amores culpados, como o de Helena e de Páris.

EPISÓDIO 2 (v. 590-750) – Agamênon vai ao encontro de Clitemnestra e de Ifigênia, que descem de sua carruagem, mas a alegria infantil e as perguntas ingênuas da filha o dilaceram. Ifigênia entra na tenda. Clitemnestra pede a Agamênon detalhes sobre a genealogia de Aquiles, depois sobre a cerimônia nupcial. O rei, embaraçado, propõe a ela que volte a Argos, mas Clitemnestra insiste em assistir ao casamento da filha.

Stasimon (v. 751-800) – O Coro tem a visão da tomada de Troia e da triste sorte da troianas que serão reduzidas à escravidão.

EPISÓDIO 3 (v. 801-1035) – Aquiles se apresenta na tenda de Agamênon para se queixar da inação do exército. Depois ele encontra Clitemnestra que saúda-o, para sua grande surpresa, como seu futuro genro. O equívoco logo se explica através do velho servidor, que revela a ambos os planos de Agamênon. Aquiles, indignado que seu nome tenha sido utilizado, jura a Clitemnestra que impedirá o sacrifício.

Stasimon (v. 1036-1097) – O Coro canta as bodas de Tétis e Peleu, pais de Aquiles, e opõe esse casamento feliz à fúnebre cerimônia que aguarda Ifigênia.

EPISÓDIO 4 (v. 1098-1508) – Agamênon vem buscar Ifigênia. Clitemnestra, com o pequeno Orestes nos braços, reprova duramente o marido, na presença da filha em prantos. Ifigênia suplica ao pai, mas Agamênon responde brevemente que não pode se opor à vontade dos gregos e se retira. Ifigênia canta sua infelicidade causada por Afrodite e Páris. Aquiles vem anunciar que todo o exército, liderado por Ulisses, exige o sacrifício, mas que ele está disposto a combater sozinho contra todos para defender Ifigênia. Esta declara que se resigna a morrer e aceita sacrificar-se pela Grécia. Aquiles homenageia seu heroísmo, afirma que teria sido feliz em tomá-la realmente por esposa e que está disposto a socorrê-la até o último momento, se ela mudar de opinião. Ifigênia despede-se da mãe e da vida e marcha para a morte cantando um breve *kommos* com o Coro.

Stasimon (v. 1509-1531) – O Coro a vê afastar-se, celebrando sua coragem e invocando Ártemis.

ÊXODO (v. 1532-1629) – Um mensageiro narra o sacrifício a Clitemnestra: no último momento, Ártemis veio, no altar, substituir por uma corça a vítima que desapareceu no céu. Agamênon aparece para confirmar brevemente o milagre e dizer uma palavra de adeus a Clitemnestra.

Agamênon de Ésquilo

Agamênon, *As Coéforas* e *As Eumênides* constituem a única trilogia conservada, *A Oresteia*. A tetralogia de que faziam parte (perdeu-se o drama satírico *Proteu*) foi representada em 458 e conquistou o primeiro prêmio.

Obra-prima de uma força expressiva e poética extraordinárias, *A Oresteia* introduz também muitas mudanças técnicas em relação às tragédias anteriores de Ésquilo que conhecemos: uma ação dramática sustentada, utilização da *skéné* e do terceiro ator. As passagens corais continuam sendo

grandiosas, sublinhando em termos metafóricos e geralmente enigmáticos a complexidade dos temas principais, míticos, religiosos ou políticos.

A ação se passa em Argos, diante do palácio dos átridas.

PRÓLOGO (v. 1-39) – Dez anos se passaram desde a partida de Agamênon para Troia. O vigia postado por Clitemnestra no telhado do palácio, à espera do sinal de fogo que anunciaria a vitória dos gregos, evoca suas longas vigílias. De repente, a chama aparece: Troia foi tomada.

PÁRODO (v. 40-257) – O Coro, formado por nobres anciãos de Argos, faz sua entrada: eles evocam sua velhice. Numa longa série de estrofes líricas, cantam o que sabem dessa guerra, isto é, apenas os acontecimentos que se passaram em Áulis: os presságios de Calcas, as intervenções divinas, o sacrifício de Ifigênia e a partida da frota grega.

EPISÓDIO 1 (v. 258-354) – Clitemnestra sai do palácio e anuncia ao Coro a queda de Troia; ela descreve a transmissão da notícia por sinais de fogo desde o monte Ida até Argos, depois a visão que ela mesma teve da última noite de Troia, esperando que os vencedores saibam não irritar com seu comportamento os deuses.

Stasimon (v. 355-488) – Nova série de estrofes líricas do Coro: Zeus castigou a falta de Páris e a má conduta de Helena, mas a guerra arrasta seu cortejo de mortes e de sofrimentos. O Coro teme que novas desgraças possam advir aos átridas.

EPISÓDIO 2 (v. 489-680) – Um arauto argivo chega, precedendo Agamênon.³⁷ Feliz de estar finalmente de volta à pátria, ele conta aos anciãos as misérias cotidianas do interminável cerco a Troia. Clitemnestra aparece brevemente para dizer que não tem necessidade de saber mais, pois os fogos já a preveniram do desfecho da guerra, apesar dos cétricos. Em termos ambíguos, ela faz alusão a mexericos de adultério e à acolhida que reserva ao esposo. Entra novamente no palácio, após encarregar o arauto de dizer a Agamênon que o espera com impaciência. Antes de partir, o arauto relata ao Coro a violenta tempestade que destruiu e dispersou a frota ao regressar, não havendo notícias do navio de Menelau.

Stasimon (v. 681-781) – O Coro volta a falar das infelicidades de que Helena, a nefasta, foi a causa.

EPISÓDIO 3 (v. 782-974) – Agamênon chega em sua carruagem, acompanhado da sua cativa Cassandra, filha de Príamo, ex-rei de Troia. O corifeu o acolhe com calor e respeito, ao mesmo tempo em que o critica por ter feito a guerra por uma mulher como Helena. Agamênon concorda e fala de suas boas intenções. Clitemnestra aparece então e, após um longo e melífluo discurso de boas-vindas, o convida a entrar no palácio com Cassandra, pisando nos tapetes de púrpura que ela fez desenrolar em honra dele. Agamênon, a princípio reticente, acaba por aceitar, não sem uma certa ironia. Ele entra no palácio, enquanto Cassandra permanece imóvel na carruagem.

Stasimon (v. 975-1034) – O Coro canta sua apreensão e os negros presságios que o angustiam.

EPISÓDIO 4 (v. 1035-1447) – Clitemnestra reaparece por um breve instante para convidar Cassandra a juntar-se aos ritos, depois volta a entrar, irritada com o silêncio dela. Cassandra sai do seu mutismo e canta horríveis visões em que passado e futuro se confundem, num *kommos* com o Coro. Depois se acalma, explica ao corifeu as origens do seu dom de profecia, de adivinha condenada por Apolo a nunca ser acreditada, antes de ser novamente tomada pelas visões de horror: um matadouro humano com o chão encharcado de sangue, Clitemnestra e seu amante Egisto lançando uma rede sobre Agamênon durante seu banho, a esposa apunhalando-o, seu próprio degolamento, o futuro castigo dos criminosos. Por fim, ela entra no palácio. Ouvem-se os gritos de Agamênon assassinado. Os coreutas

reagem de maneira diversa e individual. A porta se abre, aparece Clitemnestra, coberta de sangue, com os dois cadáveres a seus pés. Sarcástica, ela conta em detalhe os assassinatos ao Coro horrorizado.

Kommos (v. 1448-1576) – A rainha e o Coro se enfrentam: Clitemnestra apresenta-se não apenas como uma esposa injuriada, mas também como o gênio vingador dos crimes da raça dos átridas – desde os filhos de Tieste mortos por Atreu até Ifigênia imolada por Agamênon.

Êxodo (v. 1577-1673) – Egisto aparece e diz que a justiça foi feita. O Coro o ameaça; eles se insultam mutuamente e chegam a sacar as espadas, quando Clitemnestra retorna para separá-los, intimando os anciãos a considerá-los a partir de agora, Egisto e ela, como seus únicos senhores. O Coro continua com seus sarcasmos e prediz aos dois a vingança de Orestes.

As Coéforas de Ésquilo

As Coéforas (as portadoras de libações), segunda parte de *A Oresteia*, tem por tema o castigo de Clitemnestra e de Egisto por Orestes e Electra. Como esse episódio foi também retomado por Sófocles (*Electra*) e Eurípides (*Electra*), é possível comparar a maneira como foi tratado pelos três grandes tragedistas.

A ação se situa em Argos, diante do palácio dos átridas, perto do túmulo de Agamênon.

PRÓLOGO³⁸ (v. 1-21) – Sete anos se passaram desde o assassinato de Agamênon e de Cassandra. Orestes acaba de voltar secretamente a Argos, acompanhado do seu amigo Pílates, filho do rei da Fócida, Estrófio, seu tio, que o acolhera e o educara. Ele vai se recolher junto ao túmulo do pai e lá deposita, em oferenda, uma mecha de seus cabelos. Vendo chegar um cortejo de mulheres, os dois amigos se escondem.

PÁRODO (v. 22-83) – O Coro, composto de cativas troianas servidoras no palácio, traz libações ao túmulo de Agamênon. Elas contam que foram enviadas por Clitemnestra, atormentada por um sonho, e se lamentam de sua própria sorte e da de alguns de seus senhores.

EPISÓDIO 1 (v. 84-305) – Com as Coéforas veio Electra. A conselho da corifeu, ela procede às libações, não para apaziguar o morto mas, ao contrário, para pedir o castigo da rainha e de Egisto. Notando a mecha de cabelos sobre o túmulo e as marcas dos passos, Electra adivinha que se trata do irmão. Orestes aparece, faz-se reconhecer e revela a ordem que recebeu de Apolo, para a grande alegria da irmã.

Kommos (v. 306-475) – Longa cena lírica entre o Coro, Orestes e Electra, que cantam suas dores e seu ódio ao casal assassino, rogando às divindades vingança ao pai assassinado.

EPISÓDIO 2 (v. 476-584) – Orestes e Electra invocam novamente o morto. A corifeu explica por que Clitemnestra ordenou as libações: ela sonhou que dava à luz uma serpente que sugava um coágulo de sangue em seu leite; ao honrar o morto, ela espera dissipar sua ansiedade. Orestes se reconhece na serpente: ele deve matar a mãe. Expõe seu plano: para ganhar a confiança de Clitemnestra e de Egisto, Pílates e ele vão se apresentar como mensageiros fócios que vêm anunciar a morte de Orestes.

Stasimon (v. 585-651) – O Coro entoia uma litania de monstros e mulheres criminosas, entre as quais Clitemnestra, depois exalta a justiça da Erínis, divindade da vingança.

EPISÓDIO 3 (v. 652-782) – Orestes e Pílates se apresentam no palácio. Clitemnestra oferece a hospitalidade aos estrangeiros, e Orestes diz a ela que seu filho morreu. A rainha finge a dor e os faz

entrar no palácio. A velha ama de leite de Orestes, Cilissa, sai à procura de Egisto para anunciar-lhe essa notícia que a desespera. A corifeu dá a entender a ela que nem toda a esperança está perdida e pede-lhe que arranje um meio de Egisto vir sem escolta.

Stasimon (v. 783-837) – O Coro invoca Zeus e outros deuses para que ajudem Orestes a cumprir sem fraqueza sua sinistra tarefa.

EPISÓDIO 4 (v. 838-930) – Egisto entra no palácio para ver o mensageiro. Seus gritos de agonia logo se escutam. Um porteiro surge, correndo, para anunciar sua morte. Alertada pelos gritos, Clitemnestra chega no momento em que Orestes aparece. Ela compreende tudo, tenta justificar-se e fazer o filho compadecer-se; este hesita, mas Pílates lembra a ordem de Apolo. Orestes arrasta a mãe até o interior para matá-la junto do amante.

Stasimon (v. 931-970) – O Coro canta sua alegria de ver realizada a Justiça.

ÊXODO (v. 971-1076) – Orestes aparece no eciclema entre os cadáveres de Clitemnestra e de Egisto, brandindo a rede com que os assassinos envolveram seu pai. Ele lamenta o crime e o castigo, mas logo é tomado de pavor ao ver surgirem as Erínias, vingadoras do sangue materno, e foge aterrorizado em direção a Delfos, perseguido por essas divindades que é o único a ver. A corifeu deseja-lhe boa sorte e se pergunta quando a deusa Ate, que se compraz com as calamidades dos mortais, irá deter-se.

***Electra* de Sófocles**

A data de representação é desconhecida.

A ação se passa em Micenas, diante do palácio dos átridas.

PRÓLOGO (v. 1-120) – Orestes chega secretamente a Micenas, acompanhado do seu amigo Pílates e do preceptor que outrora o salvou. Ele expõe as razões da sua vinda: Apolo lhe disse que havia chegado a hora propícia de vingar a morte do pai e que ele devia agir com astúcia. Orestes encarrega o preceptor de anunciar que ele morreu acidentalmente e ele próprio virá em seguida trazer a urna contendo supostamente suas cinzas. Introduzido assim no palácio, ele cumprirá sua sangrenta tarefa. Mas primeiro deve honrar o pai e depositar, em oferenda sobre o túmulo, uma mecha de seus cabelos.

Assim que eles se afastam, Electra sai do palácio e manifesta a sua dor.

PARADO em forma de *kommos* (v. 121-250) – O Coro, composto de mulheres de Micenas devotadas a Electra, vem escutá-la. Num diálogo lírico, elas tentam apaziguá-la, enquanto Electra exprime sua dor pela morte do pai, seu ódio aos assassinos e a vida indigna que leva.

EPISÓDIO 1 (v. 251-471) – Habitualmente Electra permanece reclusa, mas, como Egisto está ausente de Micenas, ela aproveita para extravasar suas queixas. Num diálogo com a corifeu, Electra se lamenta por ser obrigada a conviver com criminosos, por ouvir os insultos que a mãe não cessa de lhe dirigir por ter salvo o pequeno Orestes, que é uma ameaça para eles, mas que continua sendo a única esperança da jovem. Sua irmã Crisótemis entra em cena e dirige a Electra conselhos de moderação, pois ficou sabendo que pretendem emparedá-la viva. Electra a recebe mal, porém a alegria renasce em sua alma ao tomar conhecimento de que Clitemnestra teve um sonho premonitório que a atormenta, e que enviou Crisótemis para fazer libações a fim de apaziguar Agamênon. Electra a convida a jogar fora essas oferendas ímpias, dando-lhe em troca seu cinto e uma mecha de seus cabelos para depositar sobre o túmulo.

Stasimon (v. 472-515) – O Coro, a quem o relato do sonho voltou a dar confiança, canta a aproximação de Erínis, a justiceira implacável.

EPISÓDIO 2 (v. 516-1057) – Clitemnestra aparece e uma discussão violenta e cheia de ódio irrompe entre mãe e filha. Clitemnestra pede a Apolo, por meio de palavras encobertas, para suprimir os que a estorvam.

Chega o preceptor e conta em detalhes à rainha como supostamente seu filho morreu, vítima de um acidente de carro nos Jogos Píticos de Delfos. Clitemnestra, sem alegria mas aliviada, conduz o mensageiro ao palácio. Electra deixa escapar seu desespero num *kommos* com o Coro. Crisótemis retorna, muito alegre, para avisar a irmã que encontrou sobre o túmulo do pai oferendas que só podem ser de Orestes. Electra anuncia a ela a morte do irmão e lhe pede para ajudá-la a matar Egisto. Crisótemis, assustada, recusa e se retira, perseguida pelas reprovações da irmã.

Stasimon (v. 1058-1097) – O Coro entoia o elogio de Electra, de sua piedade e de sua tenacidade.

EPISÓDIO 3 (v. 1098-1383) – Chegam Orestes e Pílates, trazendo a urna funerária que supostamente contém as cinzas de Orestes. Os lamentos e os soluços de Electra são tão tocantes que Orestes lhe revela o segredo, e essa cena de reconhecimento que culmina num duo lírico é um dos episódios mais patéticos do teatro grego. O preceptor retorna e lhes diz que devem aproveitar a ausência de Egisto para matar Clitemnestra. Os quatro entram no palácio.

Stasimon (v. 1384-1397) – O Coro sublinha brevemente que a hora da vingança chegou.

ÊXODO (v. 1398-1510) – Electra torna a sair para ficar à espreita e escuta com o Coro os gritos dilacerantes de Clitemnestra, degolada por Orestes e Pílates no interior do palácio. Cantando, ela encoraja o irmão. Orestes e Pílates saem do palácio com as mãos ensanguentadas. Breve *kommos*. Eles voltam a entrar, pois Egisto se aproxima. Electra lhe informa que Orestes morreu e que estão vindo trazer seu cadáver. Orestes e Pílates reaparecem com um corpo velado. Muito feliz, Egisto levanta o véu e vê com horror o cadáver da rainha. Orestes arrasta-o para dentro do palácio, a fim de executá-lo no mesmo lugar onde este assassinou Agamênon.

***Electra* de Eurípides**

A data também é desconhecida, talvez por volta de 420. A *Electra* de Eurípides seria anterior à de Sófocles.

A ação se passa no campo montanhoso da Argólida, diante da propriedade rural do marido de Electra, um lavrador micênio.

PRÓLOGO (v. 1-165) – O lavrador expõe a situação: Clitemnestra e Egisto reinam após terem matado Agamênon, sete anos antes. Egisto deu a ele Electra em casamento, a fim de que seus eventuais filhos não possam vingar a humilhação da mãe e o assassinato de Agamênon; quanto a Orestes, foi enviado ao exterior ainda criança e talvez tenha morrido. O lavrador indica, porém, que sempre respeitou a jovem e faz uma breve descrição realista da vida humilde do casal. Electra sai da casa e, após um breve diálogo amistoso, eles partem cada um para seu lado, ele em direção aos campos, ela para buscar água. Aparece Orestes, secretamente de volta a Micenas, acompanhado de Pílates; ele procura a irmã. Os dois rapazes se escondem quando Electra retorna, cantando o luto do pai numa monodia.

PARODO (v. 166-213) – As jovens camponesas micênicas que compõem o Coro fazem sua entrada e, juntando-se à monodia de Electra, cantam com ela um *kommos*, tentando consolá-la.

EPISÓDIO 1 (v. 214-431) – Tendo compreendido quem é a jovem, Orestes se faz passar por um estrangeiro e afirma ter notícias de Orestes. Electra, inicialmente desconfiada, abre-se com ele. O lavrador retorna e oferece aos estrangeiros uma hospitalidade frugal mas calorosa. Electra o envia a buscar o velho que serviu a Agamênon e a ela, para que traga mantimentos aos hóspedes.

Stasimon (v. 432-485) – O Coro canta as danças das Nereides e a glória de Aquiles que acompanhava Agamênon em Troia, ao mesmo tempo em que amaldiçoa Clitemnestra.

EPISÓDIO 2 (v. 486-698) – Chega o velho servidor, carregado de víveres. Ele está perturbado: viu sobre o túmulo de Agamênon oferendas, uma mecha de cabelo e pegadas que, segundo ele, só podem ser de Orestes. Electra rejeita esses sinais como inverossímeis, mas Orestes se mostra e o velho o reconhece por uma cicatriz. O irmão e a irmã caem nos braços um do outro e depois organizam juntos a dupla vingança: Orestes se fará convidar por Egisto, que se encontra justamente nos arredores para fazer um sacrifício, e o matará de surpresa. Quanto a Clitemnestra, Electra a fará vir dando-lhe a falsa notícia de que deu à luz, e a matará por sua vez.

Stasimon (v. 699-746) – O Coro canta a história do carneiro com um toção de ouro que Tiestes conseguiu obter por astúcia, para se fazer proclamar rei.

EPISÓDIO 3 (v. 747-858) – Um mensageiro vem anunciar a Electra que tudo se passou conforme o previsto e relata em detalhe o assassinato de Egisto.

Stasimon (v. 859-879) – Breve canto do Coro e alegria de Electra.

EPISÓDIO 4 (v. 880-1146) – Orestes e Pílates retornam. Electra os recebe com entusiasmo. É trazido o cadáver de Egisto sobre o qual ela despeja violentos insultos, à guisa de oração fúnebre. Clitemnestra é anunciada, e Orestes sente sua determinação fraquejar, mas Electra o encoraja. Ele se esconde dentro da casa. Violenta discussão entre a mãe e a filha, ao fim da qual Electra finge acalmar-se, convidando a mãe a entrar para ajudá-la a fazer os sacrifícios de costume.

Stasimon (v. 1147-1232) – Enquanto o Coro recorda o assassinato de Agamênon, ouvem-se os gritos de Clitemnestra que Orestes e Electra matam. Eles tornam a sair e cantam, num *kommos*, o horror de seu crime.

ÊXODO (v. 1233-1359) – Cástor e Pólux, os Dióscuros, irmãos de Clitemnestra e de Helena, aparecem. Embora escusem Orestes, que apenas obedeceu à ordem de Apolo que eles condenam, dizem que ele será perseguido como parricida pelas Erínias. Quanto a Electra, ela desposará Pílates. Eles convidam Orestes a partir para Atenas a fim de ser julgado pelo Areópago³⁹ que o absolverá.

Orestes de Eurípides

Essa peça “espetacular”, com uma participação importante reservada à música, foi representada em 408. Ela tem um desfecho feliz e comporta elementos cômicos e romanescos que lhe asseguraram uma grande trajetória ao longo dos séculos seguintes.

A ação se passa em Argos, diante do palácio dos átridas, cinco dias após a morte de Clitemnestra.

PRÓLOGO (v. 1-139) – Electra vigia Orestes, adormecido. Primeiro, ela conta rapidamente a história dos átridas e o assassinato de Clitemnestra. Agora os argivos devem julgá-los, enquanto as Erínias perseguem seu irmão, mergulhando-o em acessos de demência e torpor. Menelau e Helena, enfim de volta de Troia⁴⁰, reencontraram sua filha Hermíone, que fora confiada a Clitemnestra. Helena quer

fazer as oferendas rituais sobre o túmulo da irmã Clitemnestra, mas finalmente decide enviar Hermíone em seu lugar.

PÁRODO (v. 140-207) – O Coro, composto de mulheres argivas amigas de Electra, faz sua entrada. Elas entoam um *kommos* com Electra e se lamentam da sorte de Orestes.

EPISÓDIO 1 (v. 208-315) – Orestes desperta. Electra se ocupa ternamente dele e anuncia a chegada de Menelau, o que dá a ele um pouco de esperança. Mas uma nova crise de loucura e de alucinações se apodera de Orestes, ao cabo da qual ele volta a adormecer, enquanto Electra entra no palácio.

Stasimon (v. 316-347) – O Coro invoca as Erínias e lamenta o infeliz que elas perseguem.

EPISÓDIO 2 (v. 348-806) – Aparece Menelau. Orestes lhe faz um relato de suas infelicidades e implora sua ajuda, mas o velho Tíndaro, pai de Clitemnestra, vem exigir vingança contra os dois parricidas, enquanto Orestes defende sua causa acusando a mãe. Após a partida de Tíndaro, Menelau recusa finalmente comprometer-se e vai embora. Chegada de Pílates, disposto a tudo para socorrer o amigo. Ele o leva para fazer sua defesa diante dos argivos.

Stasimon (v. 807-843) – O Coro canta as desgraças e os crimes dos átridas.

EPISÓDIO 3 (v. 844-959) – Um velho camponês vem relatar a Electra os debates na assembleia dos argivos, que decidem pela condenação à morte dela e do irmão.

MONODIA (v. 960-1012) – Electra lamenta-se numa longa e dolorosa “ária”.

EPISÓDIO 4 (v. 1013-1245) – Orestes retorna com Pílates. Enquanto o irmão e a irmã se preparam para morrer, Pílates afirma que se recusa a sobreviver ao amigo e propõe matar Helena para punir Menelau por sua covardia. Eles elaboram um plano, e Electra sugere tomar Hermíone como refém, ameaçando matá-la se Menelau quiser se vingar. Orestes e Pílates penetram no palácio.

Kommos (v. 1246-1310) – Enquanto o Coro, espalhado, espreita, Electra escuta à porta do palácio os gritos de Helena e encoraja Orestes e Pílates a matá-la.

ÊXODO (v. 1311-1681) – Chega Hermíone. Electra consegue convencê-la a entrar no palácio. Um escravo frígio, aterrorizado, sai do palácio e faz um longo relato cantado⁴¹, pitoresco e quase cômico, descrevendo a chegada dos dois amigos até Helena, o assassinato dela, o massacre que fizeram dos escravos que vieram ajudar a patroa, sua própria fuga e o desaparecimento misterioso do corpo de Helena. Orestes sai do palácio em busca do foragido, que consegue ter sua vida poupada. Orestes retorna com Electra ao palácio para ali se entrincheirar. Chega Menelau com guardas e tenta derrubar a porta. Orestes aparece no telhado, ameaçando matar Hermíone e incendiar o palácio. Eles se afrontam de longe, com violência. Subitamente aparece Apolo, com Helena a seu lado. Ele acalma todos e proclama a apoteose de Helena, que irá ao céu juntar-se a seus irmãos, os Dióscuros. Orestes partirá em exílio durante um ano, depois irá a Atenas para ser julgado no Areópago, onde será absolvido, desposará Hermíone e reinará sobre Argos. Quanto a Electra, ela se casará com Pílates. Todos se alegram e afirmam que obedecerão ao deus.

As Eumênides de Ésquilo

As Eumênides (*As Benevolentes*, nome que por eufemismo será dado às Erínias no final da peça) é a terceira e última parte de *A Oresteia*: o julgamento de Orestes mostrará que, com a ajuda dos deuses, a justiça humana substituirá daí por diante a lei do talião. Ésquilo lembra também a origem divina do Conselho do Areópago (a colina de Ares), cujas atribuições haviam sido reduzidas quatro anos antes por Efiltes.⁴²

A peça apresenta a particularidade de se passar em dois lugares distintos: primeiro em Delfos, diante do templo de Apolo; depois, a partir do verso 235, em Atenas, na Acrópole, diante do templo de Atena.

PRÓLOGO (v. 1-139) – A Pítia, sacerdotisa de Apolo, invoca os deuses que presidem ao oráculo de Delfos. Ela penetra no templo, mas torna a sair em seguida, agitada: um homem, com as mãos ensanguentadas, está agachado e suplica junto à pedra sagrada central, cercado de repugnantes monstros femininos que dormem, roncando. O templo se abre: Apolo assegura a Orestes sua proteção e o exorta a ir a Atenas para se refugiar junto a Palas Atena. Lá, um tribunal o julgará. Eles partem. O fantasma de Clitemnestra logo vem despertar e atizar as Erínias que se põem a latir.

PÁRODO (v. 140-178) – As Erínias se indignam contra os jovens deuses, em particular contra Apolo que lhes retirou sua caça.

EPISÓDIO 1 a (v. 179-234) – Apolo ataca as Erínias e as expulsa do santuário: ele salvará Orestes, mesmo se elas o perseguirem até Atenas.

EPISÓDIO 1 b (v. 235-306) – A cena transporta-se para Atenas: Orestes se lança, suplicando, aos pés da estátua de Atena. O Coro faz uma nova entrada e vem atormentá-lo, ameaçando sugar seu sangue.

Stasimon (v. 307-396) – Dança e canto de morte do Coro, que celebra seu poder imemorial.

EPISÓDIO 2 (v. 397-489) – Atena aparece, chegando de Troia: ela interroga as Erínias e depois Orestes. A deusa recusa tomar uma decisão: mesmo se Orestes se purificou, as Erínias têm direitos antigos e contestá-las é correr o risco de atrair sua maldição sobre Atenas; ela resolve então reunir os melhores cidadãos da cidade num júri para debater a questão.

Stasimon (v. 490-565) – O Coro teme que novas leis derrubem a justiça sagrada e o justo meio-termo que elas encarnam.

EPISÓDIO 3 (v. 566-777) – Atena funda solenemente o Conselho do Areópago, que daí em diante será chamado a julgar as questões de sangue, e faz suas recomendações para os tempos futuros. O processo começa. A corifeu apresenta suas acusações, e Apolo faz a defesa de Orestes, demonstra que o pai, e não a mãe, é que dá a vida ao filho, e promete que Orestes selará a aliança entre Atenas e Argos. É feita a votação: os votos dos juízes se dividem meio a meio, mas Atena se declara a favor do acusado e proclama a absolvição.

ÊXODO (v. 778-1047) – Indignadas, as Erínias ameaçam com seu furor a cidade, mas a deusa Atena, num longo *kommós* (ela fala enquanto o Coro canta), acaba por convencê-las a renunciar à vingança e a se instalar em Atenas: assim elas protegerão a cidade e, em troca, os atenienses as amarão e as honrarão para sempre com o nome de “Eumênides”. Todos formam uma procissão solene para ir instalar alegremente as Eumênides no seu novo santuário.

Ifigênia em Táurida de Eurípides

Essa peça marca o fim da maldição dos átridas. A data de representação é desconhecida, mas Eurípides certamente a compôs antes do seu *Orestes*. As duas tragédias (assim como *Helena*, de que falaremos no capítulo seguinte) têm um final feliz e elementos espetaculares e romanescos comparáveis.

A ação se passa em Táurida, diante do templo de Ártemis.

PRÓLOGO (v. 1-122) – Ifigênia conta sua história: outrora os gregos quiseram imolá-la em Áulis para obter ventos favoráveis, mas Ártemis substituiu-a por uma corça e levou-a para Táurida (a Crimeia

atual), região selvagem onde se tornou sacerdotisa. Entre outras funções, ela deve anunciar o sacrifício dos gregos que naufragam nas praias desse lugar onde reina o tirano Toas, tarefa que lhe repugna. Na noite anterior, ela sonhou que Orestes estava morto e quer fazer libações em honra desse irmão que ela não voltou a ver desde a infância. Assim que volta a entrar no templo, Orestes aparece com seu fiel amigo Pílates. Para reencontrar a paz após seu matricídio, ele deve, por ordem de Apolo, roubar a estátua de Ártemis e levá-la para Atenas. Eles vão se esconder até a noite.

PÁRODO (v. 123-235) – O Coro, composto de cativas gregas, faz sua entrada e junta-se num *kommos* a Ifigênia, que reaparece para lamentar sua triste sorte de exilada e a morte de Orestes.

EPISÓDIO 1 (v. 236-391) – Um boiadeiro vem anunciar à sacerdotisa que ela deve se preparar para o sacrifício de dois gregos que se escondiam. Eles teriam escapado se um deles não tivesse sido tomado de um furioso delírio que obrigou seu companheiro, chamado Pílates⁴³, a interromper a fuga para se ocupar dele. Ao ficar sozinha, Ifigênia condena os sacrifícios humanos e pensa que Ártemis tampouco os aprova.

Stasimon (v. 392-455) – As cativas do Coro se perguntam quem são esses gregos que percorreram os mares para encontrar ali um triste fim. Elas gostariam que fosse Helena quem chegasse e que elas mesmas pudessem embarcar de volta à pátria.

EPISÓDIO 2 (v. 456-1088) – Os dois prisioneiros são trazidos, acorrentados. Ifigênia ordena que lhes retirem as correntes e os interroga. Ao saber que são argivos, ela lhes faz muitas perguntas sobre a Guerra de Troia, a sorte dos guerreiros e, principalmente, de Agamênon e de sua família. Orestes comunica que os pais dela morreram, mas também que Orestes ainda vive. Essa notícia causa uma tal alegria em Ifigênia que ela propõe salvar um deles com a condição de que leve uma mensagem a Argos. Orestes suplica que esse favor seja concedido a Pílates. Ifigênia admira sua nobreza e se retira para escrever a mensagem. Quando ela sai, Pílates declara que quer morrer com Orestes e os dois amigos fazem uma disputa de generosidade, mas Pílates acaba por ceder. Ifigênia retorna e confia as tabuinhas a Pílates, mas, para maior segurança, lê seu conteúdo em voz alta. O irmão e a irmã então se reconhecem e cantam sua alegria num longo dueto lírico. Orestes narra suas desgraças, depois os três buscam um plano para fugir de Táurida levando a estátua de Ártemis. Ifigênia encontra um stratagem: ela dirá que os dois gregos são parricidas que devem ser purificados no mar, assim como a estátua da deusa que eles macularam ao tocá-la.

Stasimon (v. 1089-1151) – As cativas, que prometeram guardar silêncio, se alegram com a felicidade de Ifigênia e fazem votos para que a fuga dê certo, ao mesmo tempo em que lamentam não poderem, elas também, voltar à Grécia.

EPISÓDIO 3 (v. 1152-1233) – Quando o rei Toas vem ver se o sacrifício está consumado, Ifigênia lhe diz, conforme o plano estabelecido, que purificações prévias são necessárias e que ela deve realizá-las sozinha. Sem desconfiar, ele dá sua permissão e a deixa partir em direção à praia com Orestes, Pílates e uma escolta.

Stasimon (v. 1234-1283) – O Coro entoia o elogio de Leto e de seu filho Apolo.

ÊXODO (v. 1284-1499) – Um mensageiro vem anunciar a Toas que Ifigênia o enganou: ela conseguiu embarcar, com os prisioneiros e a estátua, num navio grego, após um combate entre os guardas e os dois cativos protegidos pelos arqueiros a bordo. Uma forte ventania os lançou então à costa, e eles estão agora desprotegidos. Toas prepara-se para puni-los quando aparece a deusa Atena. Ela ordena ao rei soltar os filhos de Agamênon e mandar de volta à sua pátria as escravas gregas do Coro. Toas

submete-se e declara que a estátua será instalada na Ática. O Coro se alegra com esse desfecho inesperado.

- [32.](#) Conhecemos cerca de trinta títulos de tragédias relativas aos átridas. (N.A.)
- [33.](#) Esse número “ditirâmico” era tomado ao pé da letra. (N.A.)
- [34.](#) Instruções dadas pelo autor dramático aos atores. (N.T.)
- [35.](#) Alguns editores julgam que esse canto faz intervir um coro secundário das acompanhantes. (N.A.)
- [36.](#) Esse último canto mostra a desmedida das virgens e anuncia assim a vingança de Afrodite, a morte dos cinquenta filhos de Egito e o castigo das Danaides, certamente contados nas peças seguintes da trilogia que se perderam (mas o famoso tonel furado [que Zeus as condenou a encher eternamente] ainda não existia nas tradições da época). (N.A.)
- [37.](#) Evidentemente um certo tempo se passou, pois a viagem de retorno da frota não podia ser feita num dia, sobretudo com a tempestade, mas, como acontece seguidamente, os cantos do coro abolem de certo modo a duração. (N.A.)
- [38.](#) O prólogo está mutilado e com lacunas. (N.A.)
- [39.](#) Tribunal de Justiça ou Conselho Ateniense, a céu aberto, famoso pela honestidade e retidão de juízo. (N.E.)
- [40.](#) Ver a *Helena* de Eurípides no capítulo seguinte. (N.A.)
- [41.](#) É o único exemplo que possuímos de um relato trágico cantado. (N.A.)
- [42.](#) A reforma do Areópago por Efialtes, em 462 a.C., desagradou os aristocratas e levou ao seu assassinato no ano seguinte. (N.T.)
- [43.](#) Pílates nasceu durante a temporada de Ifigênia em Táurida, portanto ela desconhece o nome dele. (N.A.)

CAPÍTULO V

O CICLO TROIANO

Eurípides: *Resos*; Sófocles: *Ajax*, *Filoctetes*; Eurípides: *As Troianas*, *Hécuba*, *Helena*, *Andrômaca*.

Todas as tragédias que nos restam do ciclo troiano⁴⁴ se passam durante o décimo e último ano da Guerra de Troia. Somente uma delas trata de um episódio de *A Ilíada* (*Resos*), sendo as outras posteriores à morte de Aquiles, que, portanto, jamais aparece como o herói da Guerra de Troia nas tragédias conservadas, embora sua sombra pare sobre a maior parte delas. O destino das armas de Aquiles é evocado nas duas peças de Sófocles: será a causa da loucura e da morte de Ajax (*Ajax*) e um pretexto em *Filoctetes*, onde a figura de Hércules domina a intriga. Eurípides, por sua vez, se interessa principalmente pela sorte das mulheres troianas no momento da queda da cidade (*As Troianas*) ou pouco depois (*Hécuba*) e durante o seu cativeiro (*Andrômaca*), sem esquecer aquela que é tida como a causadora do mal, Helena, desculpada em *Helena* para depois ser assassinada e divinizada em *Andrômaca*.

Resos de Eurípides

Essa tragédia de data desconhecida é a única das peças conservadas que utiliza precisamente um episódio de Homero, a *Doloneia*, no canto X de *A Ilíada*. É também a única peça grega cuja ação se passa toda em plena noite. Sua atribuição a Eurípides foi posta em dúvida desde a Antiguidade.

A ação transcorre em plena noite, diante da tenda de Heitor, no acampamento troiano, entre as muralhas de Troia e o baluarte que os gregos edificaram para proteger seus navios.

PRÓLOGO-PÁRODO (v. 1-51) – Um grupo de soldados troianos, que formam o Coro, vem despertar em plena noite Heitor, o chefe supremo do exército troiano. Eles viram fogos suspeitos no acampamento dos gregos, que devem estar preparando alguma coisa.

EPISÓDIO 1 (v. 52-223) – Heitor, convencido de que os gregos se preparam para embarcar, está disposto a atacar em seguida, mas Eneias, o filho de Anquises e de Afrodite, o convence a enviar primeiro um espião ao acampamento inimigo para esclarecer a situação. Dólón (o Astuto), filho do arauto Eumedes, um guerreiro pequeno mas muito rápido na corrida, se oferece como voluntário; Heitor lhe promete que, se tiver êxito, receberá como recompensa o carro de Aquiles e seus dois cavalos divinos quando os troianos tiverem esmagado os gregos. Dólón veste uma pele de lobo e parte sem demora.

Stasimon (v. 224-263) – O Coro canta sua admiração pela coragem e a astúcia de Dólón.

EPISÓDIO 2 (v. 264-341) – Um pastor anuncia a Heitor a chegada do rei da Trácia, Resos, filho do deus-rio Estrímon⁴⁵, que vem em socorro dos troianos com um exército inumerável, montado num carro puxado por seus famosos cavalos brancos tão rápidos como o vento. Heitor constata com irritação que esse aliado se manifesta quando a fortuna das armas lhe sorri.

Stasimon (v. 342-387) – O Coro canta com exaltação a chegada de Resos e sua ascendência divina.

EPISÓDIO 3 (v. 388-526) – Chega Resos. Heitor lhe censura o fato de ter demorado; o trácio responde prontamente que conseguirá numa só jornada vencer os gregos, o que Heitor não conseguiu em dez

anos. Heitor aceita finalmente sua ajuda e parte com ele para lhe mostrar onde acampar seu exército.

Stasimon (v. 527-564) – Os soldados do Coro se alarmam, porque a noite avança, ninguém vem revezá-los na guarda e Dólón ainda não retornou. Eles vão alertar seus companheiros.

EPISÓDIO 4 (v. 565-674) – Ulisses e Diomedes, o herói argivo, filho de Tideu, se introduzem furtivamente no acampamento troiano; eles encontraram, interrogaram e mataram Dólón e querem agora abater Heitor em seu sono. Atena aparece e lhes sugere que matem primeiro Resos e roubem seus cavalos, pois, se ele sobreviver a esta noite, os gregos serão derrotados. Os dois partem para executar as ordens da deusa. Entra em cena Páris, que procura seu irmão Heitor para informá-lo da presença possível de espiões; Atena se faz passar por Afrodite e o afasta. A deusa anuncia a morte de Resos.

Stasimon (v. 675-727) – Os soldados do Coro chegam, perseguindo Ulisses, mas este consegue escapar graças à senha que Dólón lhe dera. O Coro se pergunta se não era Ulisses, cujos inúmeros ardis são evocados.

ÊXODO (v. 728-996) – O cocheiro de Resos, em estado lastimável, vem contar que seu mestre foi traiçoeiramente assassinado por dois desconhecidos que feriram a ele também. Heitor retorna e repreende os soldados do Coro, por terem montado mal a guarda. O cocheiro o acusa de ter suprimido Resos para se apoderar de seus cavalos. Heitor não dá ouvido a essa acusação e ordena que o cocheiro seja medicado.

A Musa que engendrou Resos aparece então acima de suas cabeças, segurando o cadáver do filho nos braços. Ela chora o filho, cujo destino estava traçado e a quem está reservado um misterioso destino no além-túmulo. Ela acusa Atena, Ulisses e Diomedes, e anuncia a morte de Aquiles. A tragédia termina no momento em que surge o dia, anunciando a retomada dos combates.

Ajax de Sófocles

Ajax é a mais antiga das tragédias conservadas de Sófocles, provavelmente composta por volta de 445, num período em que ele mesmo declarava buscar escrever como Ésquilo. Considera-se geralmente que se trata de uma peça em duas partes, o herói desaparecendo no final da primeira.

A ação se passa no acampamento dos gregos, diante da tenda de Ajax, erguida junto à praia.

PRÓLOGO (v. 1-133) – Atena se dirige a Ulisses que, perplexo, dá voltas em torno da tenda de Ajax, tentando descobrir por que este massacrou todo o rebanho durante a noite. A deusa lhe revela ter causado um acesso de loucura em Ajax, que pensou exterminar os chefes do exército grego: ele estava furioso por terem dado as armas de Aquiles, após a morte deste, a Ulisses e não a ele. Dissimulando Ulisses, ela chama Ajax, ainda em pleno delírio, que se rejubila com sua façanha e volta a entrar na tenda. Atena desaparece, e Ulisses se afasta.

PÁRODO (v. 134-200) – O Coro, composto de marinheiros de Salamina, faz sua entrada e se inquieta com a conduta aberrante do seu chefe.

EPISÓDIO 1 (v. 201-595) – Tecmessa, filha do rei frígio Teleutas e esposa de Ajax, sai da tenda e confirma ao Coro a carnificina. Ajax recuperou a razão e agora está mergulhado num profundo desespero. O herói aparece e canta longamente sua vergonha diante de Tecmessa e do Coro, que tentam apaziguá-lo. Ele se pergunta como salvar a honra e pensa em morrer, apesar das súplicas de Tecmessa. Pede que lhe tragam seu jovem filho Eurísaces, lega a ele suas armas, despede-se e volta a entrar na tenda, ignorando a aflição da companheira.

Stasimon (v. 596-645) – Lamentação do Coro que evoca sua ilha de Salamina e o luto que vai se abater sobre os velhos pais de Ajax.

EPISÓDIO 2 (v. 646-692) – Ajax reaparece, tendo à mão a espada que Heitor lhe havia oferecido. Em termos ambíguos, que fazem Tecmessa e o Coro pensar que renunciou ao suicídio, ele declara querer enterrar aquela arma maldita e purificar-se na praia.

Stasimon (v. 693-718) – Quando ele se afasta, o Coro manifesta sua alegria, convencido de que Ajax renunciou a seu funesto projeto.

EPISÓDIO 3 (v. 719-865) – Chega um mensageiro enviado por Teucro, meio-irmão de Ajax: o adivinho Calcas revelou que o único meio de salvar a vida de Ajax era impedi-lo de abandonar a tenda durante todo aquele dia. Tecmessa e o Coro se precipitam imediatamente para trazê-lo de volta.

Ajax retorna sozinho, invoca os deuses, medita, dá adeus à pátria e se mata, curvando-se sobre a espada fixada no chão.

Stasimon (v. 866-973) – O Coro retorna abatido, e Tecmessa vê o corpo de Ajax: todos choram essa morte cruel.

EPISÓDIO 4 (v. 974-1184) – Teucro aparece e se lamenta sobre o irmão, pensando também nas reprovações que o pai lhe fará. Menelau vem anunciar que foi decidido que o corpo de Ajax será abandonado às aves. Teucro se opõe energicamente, e os dois homens se insultam. Menelau retira-se, e Teucro deixa o corpo sob a guarda de Tecmessa, de Eurísaces e do Coro enquanto vai tomar providências para a sepultura.

Stasimon (v. 1185-1222) – O Coro canta as misérias da guerra e a perda de Ajax.

ÊXODO (v. 1223-1420) – Teucro retorna, seguido de Agamênon que confirma a interdição. Novo confronto e novos insultos. Chega Ulisses que, com diplomacia, toma o partido de Teucro em nome da valentia de Ajax e da piedade. Agamênon cede. Teucro agradece a Ulisses, mas lhe pede para não participar dos funerais a fim de não irritar o morto. O cortejo fúnebre se põe em marcha.

***Filoctetes* de Sófocles**

Essa tragédia foi representada nas Dionísias de 409 e obteve o primeiro prêmio. Sófocles tinha então quase noventa anos. Os fatos contados no mito não importam tanto a Sófocles quanto a própria figura de Filoctetes, que é um de seus personagens mais bem acabados. Ésquilo e Eurípides também escreveram cada qual um *Filoctetes*, mas essas obras se perderam.

A ação se situa na ilha de Lemnos, diante de uma gruta.

PRÓLOGO (v. 1-134) – Ulisses e Neoptólemo, o filho de Aquiles que vem substituir o pai morto, desembarcaram em Lemnos. Eles chegam diante da gruta onde Ulisses abandonou, nove anos antes, Filoctetes – o herdeiro do arco e das flechas envenenadas de Hércules –, horivelmente ferido no pé quando navegavam em direção a Troia. Seus gritos incessantes e o cheiro de putrefação tornaram-se insuportáveis. Como um oráculo anunciou que a cidade não poderia ser tomada sem as armas de Hércules, os gregos querem agora se apoderar de Filoctetes pela astúcia. Ulisses, que não ousa enfrentar suas flechas infalíveis, permanecerá escondido; Neoptólemo deverá atrair a simpatia do infeliz fingindo ter-se desentendido com os átridas e com Ulisses, a fim de conduzi-lo a bordo do navio. O jovem sente repugnância por esse ardil, mas aceita a missão. Ulisses se afasta.

PÁRODO (v. 135-218) – O Coro, formado por marinheiros do navio de Neoptólemo, faz sua entrada e recebe as ordens do jovem chefe. Os marinheiros se compadecem da sorte de Filoctetes ao ouvirem

ruídos e gemidos que indicam sua chegada.

EPISÓDIO 1 (v. 219-675) – Filoctetes aparece, acolhe com alegria os compatriotas e lhes narra como foi mordido por uma víbora e abandonado, quase morrendo, nessa costa deserta, onde sobrevive miseravelmente numa sombria caverna, devorando a carne dos animais selvagens que mata com seu arco. Ele proclama seu ódio aos chefes gregos, e Neoptólemo o aprova, contando que estes lhe recusaram as armas do pai e que ele decidiu voltar para casa. Filoctetes suplica que o leve consigo. Chega um homem que Ulisses disfarçou de mercador e enviou para apressar as coisas. Ele afirma que um navio grego foi lançado em perseguição de Neoptólemo e que Ulisses, por sua vez, se aproxima para levar Filoctetes a Troia. Este volta a entrar na gruta com Neoptólemo para preparar rapidamente a partida.

Stasimon (v. 676-729) – O Coro canta a sorte e os sofrimentos imerecidos de Filoctetes.

EPISÓDIO 2 (v. 730-826) – No momento em que saem da gruta, Filoctetes é acometido de uma violenta crise do seu mal, que lhe inflige dores horríveis. Ele confia o arco a Neoptólemo, que promete não partir sem ele, e adormece, exausto.

Stasimon (v. 827-864) – O Coro invoca o Sono curativo e aconselha Neoptólemo a aproveitar a ocasião e embarcar imediatamente com o arco.

EPISÓDIO 3 (v. 865-1080) – Quando o enfermo desperta, Neoptólemo, arrependido, lhe confessa o embuste. Filoctetes explode em imprecações e exige seu arco de volta. Ulisses se apresenta e, sem dar atenção às maldições de Filoctetes, tenta levá-lo para o navio. Filoctetes recusa: ele prefere perder o arco e morrer de fome do que ceder a seus inimigos. Ulisses decide então abandoná-lo sem suas armas, condenando-o a uma morte certa. Ele parte com Neoptólemo que deixa, no entanto, os marinheiros do Coro com Filoctetes, esperando que este mude de opinião.

Kommos (v. 1081-1217) – Longo diálogo lírico entre Filoctetes, que brada seu sofrimento e chama a morte, e o Coro, que tenta caridosamente, mas em vão, convencê-lo a acompanhá-los a Troia.

ÊXODO (v. 1218-1471) – Neoptólemo retorna, seguido de Ulisses: seus escrúpulos prevaleceram e ele está decidido a devolver o arco. Os dois homens se enfrentam e por pouco não lutam, mas Ulisses acaba por desistir. Neoptólemo devolve a arma a Filoctetes e, após tentar em vão convencê-lo a ir a Troia voluntariamente, aceita levá-lo de volta para casa. Hércules aparece então divinizado e ordena ao antigo companheiro que vá a Troia: lá chegando, Asclépio o curará e ele matará Páris com suas flechas. Filoctetes consente e despede-se de Lemnos.

As Troianas de Eurípides

Última peça (depois de *Alexandre* e *Palamedes*, seguida pelo drama satírico *Sísifo*) da única trilogia ligada de Eurípides cujo tema conhecemos, um requisitório contra a guerra. Ela foi representada em 415 e obteve apenas o terceiro lugar. Essa tragédia muito lírica (todas as mulheres cantam com exceção de Helena) é composta de vários episódios que refletem todos a mesma catástrofe e giram em torno do personagem central, Hécuba, encarnação da dor, que nunca abandona a cena.

A ação se passa no acampamento dos gregos em Troia, diante da tenda onde estão reunidas as cativas troianas.

PRÓLOGO (v. 1-153) – A velha Hécuba, rainha de Troia e viúva de Príamo, está prostrada no chão. Poseidon, o deus protetor de Troia cujas muralhas havia construído, chora sobre as ruínas fumegantes

da cidade que acaba de ser tomada pelos gregos. Atena, que até então tomara o partido deles, aparece: ela está ultrajada, pois Ajax⁴⁶ arrancou Cassandra do seu próprio templo, onde ela se refugiara. A deusa vem pedir a ajuda de Poseidon para castigar os gregos durante seu retorno; ele promete que desencadeará terríveis tempestades. Hécuba se ergue e canta uma monodia em que amaldiçoa Helena e se lamenta pelos infortúnios de Troia.

PÁRODO (v. 154-234) – O Coro das viúvas troianas faz sua entrada, dividido em dois grupos. Elas fazem um *kommós* com Hécuba e se perguntam, gemendo, qual será seu destino, a que país serão levadas como escravas.

EPISÓDIO 1 (v. 235-510) – O arauto Taltíbio anuncia que cada uma será entregue a um senhor diferente: Cassandra será a concubina de Agamênon; Polixena, a filha mais jovem de Hécuba, servirá o túmulo de Aquiles (perífrase carregada de sentido, mas que Hécuba então não compreende); Andrômaca, a viúva de Heitor, caberá a Neoptólemo, e Hécuba, a Ulisses. Cassandra aparece, descabelada, brandindo uma tocha: ela gira e canta freneticamente suas próximas bodas. Uma vez apaziguado seu furor, a profetisa prediz com uma alegria sinistra a ruína dos átridas e as errâncias de Ulisses: Troia terá menos a lamentar do que seus vencedores. Enquanto Taltíbio a conduz, Hécuba chora novamente seu destino e seus males passados.

Stasimon (v. 511-567) – O Coro canta a última noite de Troia, o ardid fatal do cavalo de madeira e a pilhagem da cidade.

EPISÓDIO 2 (v. 568-798) – Andrômaca chega no carro que deve conduzi-la a Neoptólemo, segurando nos braços o pequeno Astíanax, filho de Heitor. Num diálogo lírico com Hécuba, elas deploram suas desgraças. Andrômaca comunica então a Hécuba que Polixena foi imolada sobre o túmulo de Aquiles e tenta acalmar a dor da sogra. Taltíbio retorna e informa com repugnância que os gregos, a conselho de Ulisses, decidiram lançar Astíanax do alto das muralhas. Andrômaca, desesperada, despede-se do filho. Taltíbio, cheio de piedade, leva os dois.

Stasimon (v. 799-859) – O Coro evoca a primeira destruição de Troia, feita por Hércules e Télamon, história dolorosa que se repete naquele dia, embora Zeus tenha um príncipe troiano, Ganimedes, como copeiro.

EPISÓDIO 3 (v. 860-1059) – Menelau vem buscar Helena, a fim de levá-la de volta à Grécia e de matá-la para punir sua traição. Hécuba o aprova e aconselha que ele não fique muito tempo com a infiel para não ser enfeitiçado novamente por seu encanto. Helena aparece e suplica a Menelau que lhe permita defender-se antes de morrer. Hécuba pede que ele escute Helena, mas que a seguir a deixe, a ela, falar como acusadora. Longa discussão em que Helena defende habilmente sua inocência, atribuindo a culpa a Afrodite⁴⁷, enquanto Hécuba pronuncia uma acusação arrasadora. Menelau parece convencido pela velha rainha e leva Helena, mas adivinha-se que sua severidade não vai durar e que ele acabará perdoando a culpada.

Stasimon (v. 1060-1117) – As viúvas troianas choram seus maridos mortos e os filhos que lhes foram arrancados; elas suplicam a Zeus que fulmine o navio de Helena e Menelau.

ÊXODO (v. 1118-1352) – Taltíbio traz de volta o corpo de Astíanax sobre o escudo de Heitor. Hécuba chora longamente a morte da criança inocente e, ajudada pelo Coro, presta os últimos deveres ao neto. Taltíbio retorna mais uma vez para ordenar aos soldados gregos que acabem de incendiar Troia, e, às cativas, que se dirijam aos navios gregos. Hécuba e o Coro se afastam, entoando um *kommós* fúnebre enquanto sua cidade é destruída.

Hécuba de Eurípides

Essa tragédia foi composta provavelmente em 424, antes de *As Troianas*. Aqui também é a personagem de Hécuba que dá unidade à peça, dividida em duas partes, a primeira dedicada ao sacrifício de Polixena e a segunda, à vingança de Hécuba. Foi a peça de Eurípides mais admirada na Antiguidade.

A ação se passa em Quersoneso da Trácia (hoje a península de Gallipoli), onde os gregos estabeleceram seu acampamento após a tomada de Troia, diante da tenda de Agamênon.

PRÓLOGO (v. 1-97) – Surge o fantasma de Polidoro, o mais jovem filho de Hécuba e do rei Príamo. Ele conta que, quando a cidade foi sitiada pelos gregos, seu pai o enviou à corte do rei da Trácia, Polimestor, com tesouros consideráveis. Quando este soube da queda de Troia e da morte de Príamo, apropriou-se das riquezas, matou o jovem e lançou seu corpo ao mar. Polidoro anuncia a seguir a morte próxima de sua irmã Polixena, a descoberta do seu próprio cadáver, e desaparece ao ver a mãe sair da tenda de Agamênon. A velha rainha, prostrada, canta numa monodia suas desgraças e os presságios funestos que lhe trazem suas visões noturnas.

PÁRODO⁴⁸ (v. 98-153) – Entram as cativas troianas que formam o Coro, transtornadas. A corifeu comunica a Hécuba que o fantasma de Aquiles reclamou o sacrifício de Polixena, a filha mais jovem de Príamo, sobre seu túmulo. Ulisses, que convenceu os gregos a imolar a jovem, virá buscá-la.

EPISÓDIO 1 (v. 154-443) – O episódio começa por um duo lírico: Hécuba geme com esse novo golpe que a atinge, chama a filha e lhe anuncia a sorte que a espera: elas unem seus sofrimentos. Entra Ulisses, exigindo a vítima. Hécuba se lamenta, suplica, lembra a ele que outrora salvou sua vida⁴⁹, mas nada comove Ulisses. A jovem Polixena declara heroicamente que não teme a morte, pois assim estará livre da vergonha da escravidão. Após despedir-se ternamente da mãe, ela marcha com orgulho para o que se tornou um sacrifício voluntário.

Stasimon (v. 444-483) – As cativas troianas se perguntam a que região da Grécia cada uma delas será levada como escrava.

EPISÓDIO 2 (v. 484-628) – O arauto Taltíbio, sempre compassivo, vem relatar a Hécuba a morte de Polixena. Esta mostrou tanta coragem que foi aclamada pelos gregos. Hécuba, temendo os excessos dos soldados, exige que a deixem prestar sozinha as honras fúnebres à filha.

Stasimon (v. 629-657) – O Coro lamenta que a paixão de Páris por Helena tenha provocado tantas calamidades.

EPISÓDIO 3 (v. 658-904) – Entra uma servidora, arrastando um cadáver velado que ela encontrou na praia quando buscava água para lavar o corpo de Polixena. Hécuba canta seu novo luto e a aversão que o crime de Polimestor inspira. Aparece Agamênon, para apressar Hécuba a enterrar a filha. A velha rainha lhe informa a traição do rei da Trácia, que acaba de chegar ao acampamento grego, e suplica que ele a vingue. Agamênon fica indignado de que Polimestor tenha assassinado seu hóspede, mas não quer se envolver, temendo reações do exército. Hécuba declara que se encarregará de tudo, e o rei consente em enviar-lhe Polimestor.

Stasimon (v. 905-952) – O Coro evoca a última noite de Troia e amaldiçoa novamente Páris e Helena.

ÊXODO (v. 953-1295) – Chamado por Hécuba, Polimestor chega com seus dois filhos jovens. Com o maior descaramento, ele afirma a Hécuba que Polidoro vai bem. Sob pretexto de lhe mostrar tesouros escondidos, ela o introduz na sua tenda. Ouvem-se os gritos dele quando Hécuba e suas

companheiras lhe furam os olhos e apunhalam seus filhos. Polimestor torna a sair, coberto de sangue, e canta sua impotência de cego. Ele exige justiça a Agamênon, que retorna. O rei escuta Polimestor e Hécuba expõem longamente seus argumentos e dá razão a Hécuba. Polimestor profetiza a morte de Hécuba no mar, assim como as de Cassandra e de Agamênon. Este ordena que o abandonem numa ilha deserta. Começa a soprar o vento: Hécuba vai sepultar os filhos antes de se dirigir com as companheiras aos navios dos gregos.

Helena de Eurípides

Em 412, Eurípides fez representar essa *Helena* juntamente com uma *Andrômeda* que se perdeu.⁵⁰ *Helena* tem um final feliz e numerosos elementos espetaculares e cômicos que aproximam essa peça de *Orestes*, *Alceste*, *Íon* e, sobretudo, *Ifigênia em Táurida*. Eurípides segue, nessa espécie de tragicomédia em que, por uma vez, se mostra favorável a Helena, uma tradição relatada por Heródoto (II, 112-121) que dizia tê-la recolhido da boca de sacerdotes egípcios. Segundo essa tradição, Páris foi lançado por uma tempestade na costa egípcia, perto da foz do Nilo, quando velejava com Helena em direção a Troia. Ele compareceu perante o rei do Egito, Proteu, que lhe reprovou o crime e o mandou embora, retendo a esposa de Menelau. No começo da guerra, os troianos respondem aos gregos – que os intimam a devolver Helena – que ela está no Egito, mas não são acreditados. Após a tomada de Troia, constatando de fato que Helena não se encontra ali, Menelau parte para o Egito onde Proteu entrega Helena, casta e pura, às suas mãos. Na peça de Eurípides, Proteu morre e é sucedido por seu filho Teoclímene. Violentemente apaixonado por Helena, ele quer abusar dela, e a fiel esposa de Menelau se refugia junto ao túmulo de Proteu.

O drama satírico que concluía a *Oresteia* de Ésquilo, *Proteu*, parece que também teve por tema a temporada de Helena e de Menelau no Egito.

A ação se passa em Faros, no Egito, diante do palácio real, perto do túmulo de Proteu.

PRÓLOGO (v. 1-166) – Helena conta que foi transportada, dezessete anos antes, por Hermes ao Egito, ao palácio do deus-rei Proteu. Lá devia ficar escondida enquanto uma falsa Helena (trata-se de um *eidolon*, de um duplo criado por Hera)⁵¹ acompanhava Páris a Troia, provocando assim a guerra. Após a morte de Proteu, Teoclímene, seu filho, tornou-se rei e quer desposá-la. Helena, para permanecer fiel a Menelau, embora não tenha notícias dele há muitos anos, refugiou-se junto ao túmulo de Proteu para escapar do assédio de Teoclímene. Chega Teucro, irmão de Ajax, que foi expulso de Salamina por seu pai, Télamon, e se dirige a Chipre, onde quer fundar uma cidade. Sem saber quem ela é, embora espantado com a semelhança, ele lhe informa a queda de Troia e o boato de que Menelau teria morrido. Helena aconselha Teucro a partir o mais rápido possível, pois Teoclímene, que saiu a caçar, manda matar todos os gregos.

PARADO (v. 167-251) – Helena entoava uma triste canção de luto à qual se junta, num *kommos*, o Coro, composto de escravas gregas. Elas deploram os males, as mortes e as calúnias provocadas pela falsa Helena.

EPISÓDIO 1 (v. 252-329) – Helena acusa sua beleza e declara que quer morrer. O Coro a reconforta e a exorta a consultar a adivinha Teonoé, irmã de Teoclímene, para saber se Menelau está realmente morto.

KOMMOS (v. 330-384) – Helena decide seguir esse conselho e entra no palácio, acompanhada do Coro.

EPISÓDIO 2 (v. 385-514) – Entra Menelau com roupas esfarrapadas (como as que geralmente vestem os reis infelizes em Eurípides), lançado por um naufrágio às proximidades do Nilo. Ele conta que vagou por muito tempo no mar, antes de encalhar nessa terra desconhecida com Helena (isto é, o *éidolon* que ele toma por Helena) e alguns companheiros. Numa cena francamente cômica, a porteira do palácio, velha e rabugenta, manda-o embora, não sem ter lhe dito incidentalmente que Helena de Esparta vive naquele palácio. Menelau, atordoado, decide aguardar o rei apesar das advertências da velha, esperando que seu renome lhe dê uma acolhida favorável.

Stasimon (v. 515-527) – O Coro retorna e anuncia muito brevemente que, segundo Teonoé, Menelau continua vivo.

EPISÓDIO 3 (v. 528-1106) – Helena reaparece, reconhece Menelau e quer se jogar nos seus braços, mas ele a rechaça, julgando que se trata de um espectro. Apesar das explicações de Helena, Menelau não acredita, pois pensa que sua mulher ficou na praia com os companheiros... até que um deles, um velho servidor, vem anunciar-lhe que a esposa subitamente desapareceu nos ares. As dúvidas então se dissipam: os esposos caem nos braços um do outro e exprimem sua felicidade num duo lírico. O velho servidor comenta familiarmente esse reencontro e parte a contar a novidade aos outros, emitindo dúvidas sobre a competência dos adivinhos. Helena conta sua história a Menelau, depois eles buscam um meio de fugir. Para isso é preciso contar com o apoio de Teonoé, que vem justamente celebrar um rito. À força de súplicas e de argumentos, Helena e Menelau a convencem a nada dizer ao irmão. Helena elabora um plano de fuga: dirá que, tendo sabido que o marido morreu afogado, deve prestar-lhe honras fúnebres no mar, segundo o costume grego.

Stasimon (v. 1107-1164) – O Coro deplora os horrores da Guerra de Troia e os desígnios indecifráveis dos deuses.

EPISÓDIO 4 (v. 1165-1300) – Aparece Teoclímeno, cheio de suspeitas, pois sabe que um grego desembarcou. Helena sai do palácio vestida de luto: ela apresenta Menelau como um naufrago que veio anunciar-lhe que o marido morreu no mar e pede ao rei – conforme o plano previsto – a permissão de pegar um barco para lançar na água oferendas fúnebres. Cumprido esse rito, ela se casará com Teoclímeno. Entusiasmado, este se dispõe a fornecer tudo o que lhe pedem.

Stasimon (v. 1301-1368) – O Coro celebra Cibele, a Grande Deusa Mãe.

EPISÓDIO 5 (v. 1369-1450) – Helena conta ao Coro que Menelau está agora equipado com as armas que supostamente teriam caído no mar. Teoclímeno preferiria que Helena não assistisse à cerimônia, mas, seduzido por suas promessas enganadoras, coloca à sua disposição um navio e marinheiros, e entra no palácio para preparar as bodas.

Stasimon (v. 1451-1511) – O Coro reza para que os dois esposos tenham um feliz retorno e lamenta não poder fugir também.

ÊXODO (v. 1512-1692) – Um dos marinheiros vem informar ao rei que o naufrago era Menelau e que ele saiu ao largo com Helena, contando em detalhes a batalha épica travada no mar. Menelau e Helena embarcaram com outros naufragos, por eles convidados a tomar parte do rito fúnebre. Após ter sacrificado um touro (embarcado com grande dificuldade), Menelau lançou os naufragos armados contra os marinheiros egípcios que dispunham apenas de remos. A luta foi breve e o marinheiro conta que escapou do massacre por milagre, nadando até a praia. Teoclímeno, furioso, quer matar Teonoé que não o advertiu. A corifeu tenta impedi-lo e declara-se pronta a morrer por ela, mas nesse momento os Dióscuros, irmãos divinos de Helena, aparecem e ordenam a Teoclímeno perdoar Teonoé, que não fez senão ajudar a decisão do Destino. Os dois esposos voltarão à sua pátria e, no

final de sua vida, Helena se tornará uma deusa, enquanto Menelau viverá eternamente na ilha dos bem-aventurados. A Teoclímeno não resta senão submeter-se.

Andrômaca de Eurípides

A datação dessa tragédia é muito discutida, mas seu caráter violentamente antiespartano faz pensar que ela corresponde a um período muito duro da Guerra do Peloponeso. A maioria dos editores propõe o ano de 425.

A ação se passa em Ftia, na Tessália, diante do palácio de Neoptólemo, perto de um altar de Tétis.

PRÓLOGO (v. 1-116) – Andrômaca, a viúva de Heitor, expõe a situação: Neoptólemo, o filho de Aquiles, a obteve como butim de guerra e a transformou em concubina, tendo com ela um filho, Molosso. Ele a levou consigo para Ftia, onde continua a reinar Peleu, o velho pai de Aquiles, e depois desposou Hermíone, a filha de Menelau e de Helena, mas essa união permanece estéril. Por ciúme, Hermíone persegue Andrômaca, cujos feitiços, segundo ela, seriam a causa da sua esterilidade. Aproveitando a ausência de Neoptólemo, que foi a Delfos, Hermíone decidiu matar Andrômaca e seu filho. Esta escondeu a criança e se refugiou junto ao altar de Tétis, a deusa que deu à luz Aquiles. Ela lamenta a ausência de Neoptólemo, não porque o ame, pois seu coração ainda pertence a Heitor, mas porque ele poderia protegê-la. Uma serva vem anunciar a Andrômaca que Menelau e sua filha pegaram Molosso. Andrômaca a envia para pedir socorro a Peleu; depois, a sós, ela entoava uma dolorosa monodia.

PARODO (v. 117-146) – O Coro, composto de mulheres de Ftia, faz sua entrada: elas se compadecem de Andrômaca e a aconselham a resignar-se, sobretudo por temerem Hermíone.

EPISÓDIO 1 (v. 147-273) – Chega Hermíone, tomada por uma crise de ódio cego, para atormentar e humilhar Andrômaca, acusando-a de introduzir na Grécia a amoralidade e a devassidão dos bárbaros. Andrômaca responde inicialmente com calma, depois eleva o tom, e Hermíone se afasta proferindo ameaças.

Stasimon (v. 274-308) – O Coro deplora que Páris tenha vivido, ele que é a causa da ruína de Troia.

EPISÓDIO 2 (v. 309-463) – Aparece Menelau trazendo consigo Molosso e jura que o matará se Andrômaca não abandonar seu refúgio inviolável. Após tentar convencê-lo em vão de que esse crime seria inútil, Andrômaca sai chorando do santuário e consente em se sacrificar para salvar o filho. Menelau declara então que sua promessa de poupar Molosso era apenas um ardil: Andrômaca será degolada, e Hermíone fará o que quiser da criança. Andrômaca amaldiçoa a falsidade dos espartanos.

Stasimon (v. 464-493) – O Coro explica que um homem deve ter só uma mulher, um Estado, só um soberano, um navio, só um timoneiro, como prova o drama representado naquele dia.

EPISÓDIO 3 (v. 494-765) – Menelau leva, para que sejam mortos, Andrômaca acorrentada e seu filho, que entoam um duo lírico fúnebre. No momento em que vai matá-los, surge repentinamente o velho Peleu, bisavô de Molosso. Ele exige explicações, condena duramente Menelau, que não consegue se justificar e covardemente vai embora. Emocionada, Andrômaca agradece a Peleu, que os leva para protegê-los com segurança.

Stasimon (v. 766-801) – O Coro exalta as almas nobres em geral e a de Peleu, em particular.

EPISÓDIO 4 (v. 802-1008) – A aia de Hermíone explica que a jovem, abandonada pelo pai, teme a

cólera de Neoptólemo e pensa em se matar. Entra Hermíone, que exprime seu desespero enquanto a aia tenta acalmá-la. Nova aparição inesperada: surge Orestes, primo e ex-noivo de Hermíone, e ainda apaixonado por ela. Hermíone lhe explica o que fez, lançando a culpa sobre mulheres más que a instigaram. Orestes, que quer se vingar de Neoptólemo, propõe a Hermíone fugir com ele: dá a entender também que suscitou a hostilidade do povo de Delfos contra o filho de Aquiles a fim de que este seja assassinado.

Stasimon (v. 1009-1046) – Depois que eles partem, o Coro se pergunta por que os deuses protetores de Troia a abandonaram.

Êxodo (v. 1047-1288) – Peleu vem perguntar ao Coro se é verdade que Hermíone partiu. A corifeu confirma e lhe informa também as ameaças de Orestes contra seu neto. O velho quer enviar um servidor a Delfos, mas é tarde... Um mensageiro dá a notícia do assassinato de Neoptólemo: Orestes fizera o povo de Delfos acreditar que Neoptólemo tinha vindo saquear os tesouros do templo; mesmo negando veementemente, ele fora apunhalado. São trazidos os restos mortais do herói, sobre os quais Peleu e o Coro entoam um *kommós* de luto. Tétis aparece então para consolar seu esposo e revelar o futuro: Neoptólemo será enterrado em Delfos; Andrômaca será a esposa do adivinho troiano Heleno, o único sobrevivente dos filhos de Príamo e Hécuba; Molosso fundará a dinastia dos reis do Épiro; e Peleu se tornará um deus que viverá ao lado dela.⁵² Peleu enxuga as lágrimas para obedecer à deusa e conclui a tragédia dizendo que é preciso zelar para ter uma nobre esposa e casar bem as filhas.

⁴⁴. A Guerra de Troia e suas consequências representam cerca de setenta títulos de tragédias conhecidos, o que faz esse ciclo ser de longe o mais tratado pelos dramaturgos. (N.A.)

⁴⁵. Em Homero, seu pai é Eioneu. As tradições também divergem sobre a Musa que é sua mãe: Clio, Terpsícore, Calíope ou Euterpe. Eurípides não a nomeia na peça. (N.A.)

⁴⁶. Trata-se do filho de Oileu, cognominado o “pequeno” Ajax, por oposição ao “grande” Ajax, filho de Télamon, cuja morte foi o tema da tragédia de Sófocles. (N.A.)

⁴⁷. Segundo uma tradição mais difundida – mas menos trágica –, Helena desarmou a fúria do marido ao descobrir um dos seios. (N.A.)

⁴⁸. É o único exemplo de párodo falado que possuímos. Eurípides inverte o esquema tradicional, já que esse párodo é precedido de uma monodia de Hécuba e o primeiro episódio começará por um diálogo cantado por Hécuba e a filha. (N.A.)

⁴⁹. Ulisses, dissimulado, introduziu-se em Troia para fazer um massacre. Ele foi reconhecido por Helena que não o denunciou. Hécuba não intervém no episódio homérico. (N.A.)

⁵⁰. Essas duas peças serão longamente parodiadas no ano seguinte por Aristófanes em suas *Tesmoforiantes* (v. 849-928 para a paródia de *Helena*). Em Aristófanes, é o próprio Eurípides que se disfarça de Menelau para tirar seu parente Mnesíloco das garras das mulheres que celebram a festa das Tesmofórias. (N.A.)

⁵¹. Réplica perfeita a ponto de ter gerado filhos em Troia! (N.A.)

⁵². Tétis nada diz a respeito de Hermíone e de Orestes que, segundo a tradição, viveram daí em diante pacificamente. (N.A.)

CAPÍTULO VI

TRAGÉDIAS QUE NÃO PERTENCEM A UM CICLO

Ésquilo: *Prometeu acorrentado*; Eurípides: *Medeia*, *Hipólito*, *Íon*; Ésquilo: *Os Persas*.

Com exceção de *Os Persas*, tragédia de atualidade, e de *Íon*, próxima da comédia, as peças que seguem são restos de ciclos míticos às vezes abundantemente utilizados no teatro trágico, como o dos Argonautas, mas cujos textos não chegaram até nós. Buscar uma ligação entre elas seria assim muito artificial.

Prometeu acorrentado de Ésquilo

Prometeu acorrentado faz parte de uma trilogia ligada, com *Prometeu portador do fogo* e *Prometeu libertado*; esta última peça seguia *Prometeu acorrentado*, mas ignoramos se *Prometeu portador do fogo* abria ou encerrava a trilogia. A data de representação é desconhecida, e alguns põem mesmo em dúvida sua atribuição a Ésquilo. Observemos que essa é a única tragédia conservada cujos personagens são todos divindades.

Divindade do fogo, na origem, Prometeu adquiriu uma dimensão considerável e passou a simbolizar o espírito humano que aspira ao conhecimento e à liberdade. Em *Os trabalhos e os dias* de Hesíodo, o primeiro poeta a se inspirar nesse mito, Prometeu aparece como um bom Titã, protetor dos homens a quem concede o fogo e ensina as artes, infringindo uma proibição de Zeus. Este envia então à terra a primeira mulher, Pandora, que está na origem de todos os males, e acorrenta Prometeu no Cáucaso, onde uma águia não cessa de lhe devorar o fígado. Segundo Platão, em seu *Protágoras*, Prometeu seria o pai de todas as raças. Como Hércules, Prometeu é um personagem ora trágico, ora cômico, e seu mito foi tratado também por Sófocles e Eurípides, bem como por Aristófanes e outros autores da comédia ática.

A ação se passa numa região selvagem e escarpada da Cítia [região ao norte do Mar Negro], não longe do mar.

PRÓLOGO (v. 1-127) – Chega Hefesto, acompanhado de Crato e Bia⁵³ que seguram Prometeu, condenado por Zeus por ter roubado o fogo do céu a fim de dá-lo aos homens. Hefesto acorrenta e prende Prometeu num rochedo, como lhe ordenou Zeus, embora sinta simpatia pelo Titã, enquanto Crato lhe censura sua compaixão e o apressa a agir. Prometeu permanece silencioso, mas, assim que os outros o abandonam, exprime seus sofrimentos e a iniquidade do rei dos deuses.

PÁRODO (v. 128-196) – Do fundo do mar, as Oceânides ouvem sua queixa e vêm reconfortar o Titã. Juntos, eles evocam num *kommós* o poder tirânico de Zeus.

EPISÓDIO 1 (v. 197-396) – Prometeu se queixa da ingratidão de Zeus, a quem ajudou a derrubar a tirania de Cronos e dos Titãs. Zeus queria acabar com a raça humana e puniu Prometeu por ter contrariado seus planos e revelado aos homens os benefícios do fogo. Oceano aparece e aconselha o Titã a mostrar humildade e arrepender-se. Prometeu rejeita essas recomendações e declara que conhece o futuro e continuará a sofrer como Atlas e Tífon, vítimas também de Zeus, até que este o liberte.

Stasimon (v. 397-435) – Após a partida de Oceano, suas filhas Oceânides lamentam a sorte do Titã.

EPISÓDIO 2 (v. 436-525) – Prometeu continua a enumerar seus benefícios para os humanos e faz alusão

a um terrível e misterioso segredo que ele guarda de sua mãe Têmis, e que será a arma de sua libertação no dia em que o próprio Zeus deverá ceder ao destino.

Stasimon (v. 526-560) – O Coro canta novamente seu temor diante do poder de Zeus.

EPISÓDIO 3 (v. 561-886) – Aparece Io, ofegante, perseguida por uma mutuca e pelo espectro de Argos, o boiadeiro de mil olhos. Ela canta sua dor, depois se acalma e conta sua história às Oceânides: Zeus, tomado de desejo por ela, forçou seu pai, o deus-rio Ínaco, filho de Oceano, a expulsá-la de casa; Hera, com ciúmes, fez brotar na sua testa dois chifres de novilha, confiou-a à guarda de Argos (que Zeus fez matar por Hermes) e lançou em sua perseguição uma mutuca monstruosa que não cessa de picá-la e a condena a percorrer a terra em perpétua fuga. Prometeu indica a ela com precisão a longa viagem que deve fazer e que a levará finalmente às margens do Nilo; lá, dará à luz a Épafo, de quem descenderão as Danaides e depois, na décima segunda geração, um arqueiro glorioso (Hércules) que livrará Prometeu de seus tormentos. Então o Titã impedirá que Zeus seja destronado. A mutuca retorna, e Io recomeça sua corrida louca.

Stasimon (v. 887-906) – O Coro se compadece da triste sorte de Io, vítima do desejo de Zeus.

ÊXODO (v. 907-1093) – Prometeu continua a desafiar Zeus apesar dos conselhos de prudência da corifeu, quando chega Hermes, enviado por Zeus para arrancar-lhe o segredo. Embora Hermes o ameace com novos suplícios que o esperam, Prometeu não cede. Hermes retira-se, avisando ao Coro que Zeus vai fulminar o rebelde, mas as Oceânides respondem que permanecerão com o Titã. Raios e tempestade se abatem sobre Prometeu, que desaparece num último desafio.⁵⁴

Medeia de Eurípides

Medeia foi representada em 431, o ano em que começou a Guerra do Peloponeso, numa tetralogia não ligada com *Dictis*, *Filoctetes* e o drama satírico *Os ceifeiros*. Eufóron, filho de Ésquilo, obteve o primeiro prêmio, Sófocles, o segundo e Eurípides, o último. Eurípides havia estreado no teatro em 455 com *As Pelíades*, uma tragédia na qual já tratava de um episódio da história dos Argonautas, quando Medeia ajudou Jasão na Cólquida.⁵⁵ Vinte e quatro anos mais tarde, ele mostra a vingança de Medeia contra Jasão, que havia se tornado seu esposo.

A ação se passa em Corinto, diante da casa de Medeia.

PRÓLOGO (v. 1-130) – A aia de Medeia lamenta que Jasão tenha ido buscar o toção de ouro na Cólquida e que sua senhora tenha deixado tudo para segui-lo. Embora ela tenha salvo a vida de Jasão, este a abandonou com seus filhos para desposar Glauce, a filha de Creonte, rei de Corinto. Chega o pedagogo, trazendo os dois filhos de Medeia, e anuncia que Creonte decidiu exilá-los com a mãe. A aia confessa a ele seu temor de que Medeia, cujos gritos se ouvem no interior do palácio, se vingue cruelmente dessa traição.

PÁRODO (v. 131-213) – Atraídas pelos gritos, as mulheres de Corinto que formam o Coro acorrem. Num *kommós* (o Coro canta, a aia fala, Medeia continua suas imprecações no palácio), elas lamentam a princesa repudiada e pedem à aia que faça vir Medeia, que elas querem consolar.

EPISÓDIO 1 (v. 214-409) – Medeia aparece e deplora, com força retórica, a triste sorte das mulheres, desprezadas e maltratadas pelos homens. Ela diz planejar uma vingança contra o marido e pede ao Coro que guarde isso em silêncio. Chega o rei Creonte: ele teme as reações e o poder da feiticeira e lhe ordena abandonar imediatamente o território de Corinto com os filhos. Com palavras e súplicas, Medeia consegue obter um prazo de 24 horas. Ficando a sós com o Coro, ela não esconde que

aproveitará esse prazo para destruir Creonte, sua filha e Jasão.

Stasimon (v. 410-445) – O Coro se indigna com a perfídia dos homens em geral e de Jasão em particular.

EPISÓDIO 2 (v. 446-626) – Jasão aparece e começa uma longa discussão: inconsciente e egoísta, ele tenta apaziguar Medeia num tom leviano, brincalhão, cheio de sofismas. Quanto a Medeia, ela replica com raiva e eloquência, lembrando os serviços que lhe prestou; suplica em vão que possa ficar com os filhos e acaba por expulsar Jasão, ameaçando destruir sua felicidade.

Stasimon (v. 627-662) – O Coro deplora os males das paixões e lamenta a pobre esposa abandonada.

EPISÓDIO 3 (v. 663-823) – Egeu, rei de Atenas, que fora a Delfos para conhecer a causa da sua esterilidade, encontra-se justamente em Corinto e vem saudar sua amiga Medeia. Ele condena a conduta de Jasão e assegura a Medeia, que diz ser capaz de lhe dar filhos, que a acolherá em Atenas se ela for até lá por seus próprios meios. Essa promessa enche Medeia de uma alegria sem limites. Assim que Egeu parte, ela revela ao Coro seu plano de vingança: para que Jasão sofra ainda mais, ela matará não apenas a nova esposa, oferecendo-lhe um véu e um diadema envenenados, mas também os filhos que teve com ele.

Stasimon (v. 824-865) – O Coro canta o louvor de Atenas e tenta dissuadir Medeia de seu terrível propósito.

EPISÓDIO 4 (v. 866-975) – Medeia manda chamar Jasão; ela se desculpa por seus excessos e finge aceitar o que lhe foi ordenado. Jasão diz que pedirá a Creonte que os filhos não sejam banidos com a mãe e os leva ao palácio, junto com os presentes envenenados destinados a Glauce.

Stasimon (v. 976-1001) – O Coro treme diante da terrível armadilha e lamenta as mortes que virão.

EPISÓDIO 5 (v. 1002-1250) – O pedagogo traz de volta a Medeia seus filhos, que obtiveram o indulto. No momento de sacrificá-los, ela hesita longamente e se despede deles com muito sofrimento, enquanto a corifeu discursa sobre os problemas que os filhos colocam. Um mensageiro vem anunciar, para a grande alegria de Medeia, que Glauce acaba de morrer em atrozes sofrimentos ao vestir os presentes que ela enviou, e que Creonte pereceu ao querer socorrer a filha. Medeia retorna então à sua casa para degolar os filhos.

Stasimon (v. 1251-1292) – O Coro roga a Medeia que renuncie a esse ato impiedoso, depois exprime seu horror ao ouvir os gritos das crianças assassinadas pela mãe.

ÊXODO (v. 1293-1419) – Jasão chega para levar os filhos, mas descobre que é tarde demais. Medeia aparece acima da casa, na carruagem do Sol, seu antepassado, puxada por dragões alados. Jasão a amaldiçoa e suplica que ela lhe deixe ao menos os corpos dos filhos. Medeia se recusa, responde que ele é o único culpado e parte num voo em direção a Atenas, levando consigo os restos mortais dos filhos.

Hipólito de Eurípides

O *Hipólito* de Eurípides que conhecemos é o segundo que ele escreveu; é chamado às vezes o *Hipólito porta-coroa* para distingui-lo do primeiro, perdido, o *Hipólito velado*, título que se explicava, ao que parece, pelo fato de o herói cobrir o rosto quando Fedra lhe dirigia palavras indecentes. Como a peça chocou, Eurípides modificou sua tragédia e conquistou desta vez um de seus raros primeiros prêmios. Esse *Hipólito* foi representado em 428: Iofon, filho de Sófocles, obteve o

segundo lugar, e Íon de Quios, o terceiro.

A ação se passa em Trezena, na Argólida, diante do palácio de Teseu, perto do qual se veem as estátuas de Ártemis e de Afrodite.

PRÓLOGO (v. 1-120) – Afrodite expõe o tema e o desfecho do drama: Hipólito (o que solta os cavalos), filho de Teseu e de Antíope, rainha das Amazonas, recusa-se a honrá-la: ele permanece casto e consagra-se unicamente a Ártemis. Para vingar-se, ela fez com que Fedra, filha de Minos e jovem esposa de Teseu, se apaixonasse loucamente pelo enteado. Até então, a rainha pôde dissimular sua paixão, mas logo deixará escapar a confissão fatal e os dois morrerão. Assim que a deusa desaparece, Hipólito retorna de uma caçada, cantando com os amigos.⁵⁶ Ele coroa de flores a estátua de Ártemis (o título da peça se deve a essa cena); quanto à de Afrodite, apesar dos conselhos de um velho servidor, ele se recusa a prestar-lhe a menor homenagem.

PÁRODO (v. 121-169) – O Coro, composto de mulheres de Trezena, apresenta-se às portas do palácio. Elas ficaram sabendo que Fedra sofre de um mal misterioso sobre o qual fazem conjeturas.

EPISÓDIO 1 (v. 170-524) – Fedra sai do palácio, sustentada por sua velha aia que se queixa dos caprichos da enferma. A rainha sofre de uma espécie de delírio, mas guarda o silêncio quando a aia e o Coro a interrogam para conhecer a causa do mal. Fedra finalmente confessa que ama Hipólito, mas prefere morrer a ceder a essa paixão culpada contra a qual luta com todas as forças. O Coro a admira, mas a aia, ao contrário, aconselha-a muito diretamente a assumir seu amor. Fedra acaba por aceitar que a velha lhe prepare um remédio que a curará do mal.

Stasimon (v. 525-564) – O Coro canta o poder de Afrodite e de Eros, e os infortúnios de Iole e de Sêmele⁵⁷.

EPISÓDIO 2 (v. 565-731) – Ouve-se no palácio a voz furiosa de Hipólito, que injúria a aia que foi lhe contar tudo. Fedra, transtornada, entoia um breve *kommós* com o Coro. Hipólito aparece, fora de si, rechaçando a aia que tenta contê-lo, e lança violentas imprecações contra as mulheres; mas ele nada dirá ao pai, pois jurou à aia guardar segredo. Fedra canta seu desespero, depois amaldiçoa a velha aia e declara que vai se matar para salvar sua reputação, mas vingando-se da arrogância de Hipólito.

Stasimon (v. 732-775) – O Coro lamenta não poder fugir até o fim do mundo e sente dó do destino de Fedra.

EPISÓDIO 3 (v. 776-1101) – Ouve-se a voz de uma escrava no interior do palácio, gritando que a rainha se enforcou. Teseu chega nesse momento; trazem o cadáver da suicida e Teseu entoia um *kommós* de luto com o Coro. Ele vê então uma tabuinha de escrita nas mãos de Fedra e lê com horror que ela acusa Hipólito de ter querido seduzi-la. Chega Hipólito. Teseu acusa o filho, que o juramento feito à aia impede de se justificar. Teseu o expulsa, condenando-o à fúria de Poseidon.

Stasimon (v. 1102-1150) – O Coro lamenta o infortúnio de Hipólito, que os deuses vão castigar embora seja inocente.

ÊXODO (v. 1151-1466) – Um mensageiro anuncia ao rei que seu filho está morrendo: assustados por um touro monstruoso enviado do fundo do mar por Poseidon, seus cavalos o derrubaram da carruagem e o arrastaram por uma longa distância. Teseu recebe a notícia com frieza, mas, após um breve canto do Coro, Ártemis aparece e lhe conta a verdade. Teseu fica arrasado com essa revelação. Hipólito é trazido, agonizante: o infeliz tem força apenas para cantar sua injusta desgraça, mas sua deusa bem-amada o apazigua antes de desaparecer, anunciando que castigará Afrodite. Hipólito perdoa o pai e morre em seus braços.

Íon de Eurípides

A data da representação é desconhecida. A peça tem por tema o destino de Íon, descendente de Prometeu e ancestral mítico dos jônios. Eurípides fez de Íon, filho de Xuto (por sua vez filho de Éolo e originário da Eubeia) e de Creusa (filha do rei de Atenas, Erecteu), um herói puramente ateniense, dando-lhe por pai o deus Apolo e relegando Xuto ao papel de pai adotivo.

Íon possui uma importância particular na história do teatro e merece uma atenção especial. Assim como *Édipo rei* de Sófocles tornou-se o modelo da tragédia ideal, *Íon* exerceu uma grande influência sobre o desenvolvimento... da nova comédia grega e, portanto, da comédia latina e da comédia ocidental, pois nessa peça encontramos numerosos elementos que passarão a ser tradicionais no gênero cômico: a criança encontrada que vive abaixo de sua condição, o falso reconhecimento seguido do verdadeiro, o escravo ardiloso e mesmo o velho caduco.

A ação se passa em Delfos, diante do templo de Apolo.

PRÓLOGO (v. 1-183) – Hermes conta a história, passada e futura, de Íon: Creusa, violada por Apolo, deu à luz um filho que ela abandona, por temor da família, num cesto, esperando que seu pai divino o salve. De fato, para prestar serviço a Apolo, Hermes levou a criança a Delfos, onde ela foi educada pela Pítia. Tendo agora quinze anos de idade, Íon vive ali como servidor do templo, sem saber quem são seus pais. Nesse meio-tempo, Creusa desposou Xuto, para transmitir seu reino a um filho, mas a união deles permanece estéril. Tendo os esposos ido a Delfos consultar o deus, Apolo dirá a Xuto que ele já tem um filho, e assim Íon, sem conhecer seu pai divino, será rei e fundará uma raça na Ásia. Hermes se esconde, e Íon aparece na entrada do templo para se ocupar, como faz diariamente, da limpeza. Enquanto varre, ele canta numa graciosa monodia seu contentamento de servir o deus, embora sofra por ser órfão.

PÁRODO (v. 184-236) – Chega nesse momento o Coro, formado pelas servas de Creusa: elas se maravilham com a beleza do templo e as oferendas feitas ao deus. Num breve *kommos*, pedem informações ao jovem, que lhes diz que as mulheres não podem entrar no santuário.

EPISÓDIO 1 (v. 237-451) – Creusa aparece, visivelmente muito entristecida. Íon a interroga gentilmente sobre a causa da tristeza. Ela lhe confessa o pesar de não ter filhos e conta também que uma de suas amigas teve um filho de Apolo que foi abandonado num cesto, e agora ela gostaria de saber o que lhe aconteceu. Ao ficar sabendo que o jovem não tem mãe, ela sente piedade e afeição por ele. Chega Xuto: o oráculo de Trofônio, que ele consultou a caminho, já lhe revelou que eles não sairão de Delfos sem um filho. Ele entra no templo enquanto Creusa se afasta. As palavras de Creusa perturbaram Íon, que considera a conduta dos deuses bastante inconveniente.

Stasimon (v. 452-509) – O Coro invoca Atena e Ártemis, as deusas virgens, e canta as alegrias de uma numerosa progênie.

EPISÓDIO 2 (v. 510-675) – Xuto sai do templo: o deus lhe declarou que a primeira pessoa que encontrasse seria o seu filho. Ele vê Íon e corre para abraçá-lo, chamando-o de filho. Íon toma-o por louco – ainda mais porque Xuto esqueceu de perguntar a Apolo quem era a mãe –, mas depois se resigna, confiando no oráculo de Apolo. Xuto o convida então a acompanhá-lo a Atenas onde o espera um destino real, mas Íon não quer abandonar sua vida tranquila. Xuto insiste e acaba por convencê-lo, decidindo porém nada dizer a Creusa para não irritá-la. Eles se afastam juntos.

Stasimon (v. 676-724) – O Coro, indignado com o sofrimento que esse bastardo causará a Creusa, decide revelar tudo a ela, apesar das ordens de Xuto.

EPISÓDIO 3 (v. 725-1047) – Quando Creusa chega, acompanhada de um velho escravo, a corifeu conta-lhe tudo durante um breve *kommós*. O velho servidor a instiga contra Xuto, dizendo que ele estaria querendo tirar a Ática da casa de Erecteu. Creusa confessa, então, numa dolorosa monodia, sua verdadeira história. O velho a aconselha a matar Íon e ela lhe dá um veneno, uma gota de sangue da Górgona, que ele despejará na taça do rapaz.

Stasimon (v. 1048-1105) – O Coro, sozinho em cena, faz uma prece para o êxito do atentado e estigmatiza as infidelidades dos homens.

EPISÓDIO 4 (v. 1106-1228) – Um mensageiro vem contar que a tentativa de assassinato fracassou: no momento em que Íon levava aos lábios a taça envenenada, alguém deixou escapar uma palavra nefasta; Íon pediu então que todos derramassem seu vinho para uma libação propiciatória; pombas vieram beber nas taças de vinho, e a que ingeriu a libação de Íon morreu em seguida. O velho teve que confessar tudo. Creusa, condenada à morte, foge.

Stasimon (v. 1229-1243) – As coreutas cantam brevemente o medo de serem apedrejadas.

ÊXODO (v. 1244-1622) – Creusa, transtornada, vem se refugiar junto à estátua do altar de Apolo. Chega Íon e se prepara para matar a culpada, quando no último momento aparece a Pítia, proibindo-lhe derramar o sangue de uma mulher. Ela mostra a ele o cesto onde descobriu o recém-nascido. Creusa compreende imediatamente que Íon é seu filho e apresenta-lhe as provas. Canta a felicidade dele, da qual Íon gostaria que seu pai também participasse. Creusa lhe revela que seu pai não é Xuto, mas Apolo. Diante da complexidade da situação, Íon começa a ter dúvidas, felizmente dissipadas pelo aparecimento de Atena. A deusa confirma que Apolo quer que Íon considere Xuto como seu pai e que herde o reino de Atenas como descendente de Erecteu. Mãe e filho bendizem Apolo.

Os Persas de Ésquilo

Os Persas, a mais antiga tragédia conservada, é aquela cujo tema é o mais recente, sendo quase contemporâneo à obra: representada na primavera de 472, a peça não trata de um tema mítico, mas de um acontecimento da atualidade, a derrota de Xerxes, rei dos persas, na batalha naval de Salamina, ocorrida oito anos antes, em 480, no dia 20 do mês de boedrômio, isto é, entre 20 e 28 de setembro. Além disso, o acontecimento é relatado por uma testemunha, o próprio Ésquilo, que, apesar da idade, deixou a pena, retomou a lança (a oposição simbólica entre a lança grega e o arco persa é constante em *Os Persas*) e voltou a combater – dez anos depois de Maratona – em Salamina e, a seguir, em Plateias. O aspecto político dessa peça, que obteve o primeiro prêmio, era sublinhado pelo fato de o jovem Péricles ser o corego⁵⁸.

Uma das originalidades dessa tragédia magnificamente poética é que ela nos mostra os efeitos da batalha no campo inimigo, as reações e a angústia dos nobres persas que esperam notícias da expedição de Xerxes.⁵⁹ Contudo, não se deve pensar que Ésquilo buscou se compadecer dos vencidos, pois seus persas raciocinam e se exprimem como gregos; suas lamentações de orientais não fazem senão realçar a vitória dos gregos sobre um inimigo muito mais poderoso. O tema real da peça é o que percorre a obra inteira de Ésquilo: não o destino de um herói, mas a Fatalidade que pesa sobre todos os mortais. Mais do que contar de forma dramática um acontecimento histórico, Ésquilo introduz o espectador num universo carregado de terror religioso, para contemplar o drama da desmedida de um homem: Xerxes levou seu povo à ruína porque caiu na rede de Ate, a deusa que tenta os humanos para melhor fazê-los sofrer o castigo divino. Ésquilo certamente queria mostrar aos

atenienses que é pelo sofrimento que se chega ao conhecimento, ao mesmo tempo em que fazia um panegírico da democracia de Atenas frente à autocracia persa. O poeta fez questão de destacar a desproporção da riqueza persa, da multidão sobre-humana do seu exército, que caiu diante do pequeno baluarte dos atenienses: testemunho à posteridade de que um povo de homens livres será sempre capaz de vencer um império de escravos, de que os deuses, em sua justiça, favorecem sempre o direito e a moderação e castigam o orgulho e o excesso.

Os Persas estava intercalado, na trilogia, entre *Fineu* e *Glauco*; essas duas peças, perdidas, mostravam o rei de uma cidade marítima severamente punido pelos deuses. Ao aproximar Xerxes desses dois reis míticos, talvez Ésquilo quisesse mostrar que a vitória grega já era digna de figurar, daí por diante, entre as grandes lendas.

A ação se passa em Susa, na Pérsia, junto ao palácio de Xerxes.

PRÓLOGO-PÁRODO (v. 1-139) – Os Fiéis, conselheiros do Grande Rei, estão reunidos junto ao palácio de Xerxes. Com o espírito cheio de presságios funestos, eles evocam a partida da expedição contra a Grécia e se perguntam o que é feito do imenso exército, ausente há tanto tempo e do qual não há notícias. Enumeram os nomes bárbaros dos povos e dos chefes que partiram e lamentam a sorte do país, privado de seus homens jovens. Gemendo, angustiados, eles pressentem que a louca ambição de Xerxes causará a ruína da Ásia.

EPISÓDIO 1 (v. 140-531) – Entra Atossa, viúva do rei Dario e mãe de Xerxes. Os Fiéis se prosternam diante dela. A rainha, angustiada, lhes relata um sonho terrível que teve durante a noite. O Coro lhe aconselha fazer oferendas aos deuses para apaziguá-los. Aparece então um mensageiro com o anúncio brutal do desastre, que provoca um lúgubre canto de luto dos anciãos. A pedido de Atossa, o mensageiro conta em detalhes o desastre da frota persa nas águas, juncadas de cadáveres, de Salamina e a terrível retirada dos raros sobreviventes. Quanto a Xerxes, está vivo e retorna a Susa.

Stasimon (v. 532-597) – O Coro canta o luto dos guerreiros e do império persas.

EPISÓDIO 2 (v. 598-632) – A rainha retorna, com oferendas para seu esposo morto, e pede aos Fiéis para invocá-lo enquanto ela faz as libações rituais.

Stasimon (v. 633-680) – O Coro entoia cantos mágicos para chamar o fantasma do rei defunto.

EPISÓDIO 3 (v. 681-851) – O fantasma de Dario aparece e pergunta à esposa o que significam as lamentações que o fizeram vir dos Infernos. Ao ser informado, ele deplora a desmedida do filho e expõe as razões do desastre: o império persa não deve querer ultrapassar os limites da Ásia nem combater no mar, nem atacar os gregos, pois a própria terra luta a favor deles. Antes de retornar para junto dos mortos, Dario anuncia um novo desastre dos persas em Plateias.

Stasimon (v. 852-907) – O Coro canta o elogio de Dario, sob cujo reinado floresceu esse rico império que agora sucumbe no mar.

ÊXODO (v. 908-1077) – Chega Xerxes, abatido, com as vestes suntuosas em farrapos. Num longo *kommos* com o Coro, ele lamenta a sorte de seus bravos companheiros e a destruição do império. Eles partem em direção ao palácio numa lúgubre procissão.

⁵³. Poder e Violência, servidores de Zeus. (N.A.)

⁵⁴. A tragédia seguinte, *Prometeu libertado*, devia mostrar o Titã acorrentado no Cáucaso; Hércules o libertava e ele revelava seu

segredo. (N.A.)

55. Conhecemos cerca de vinte títulos de tragédias relacionadas à viagem da nave Argos, seus antecedentes e suas consequências. (N.A.)

56. O coro secundário dos companheiros de caça de Hipólito só intervém no prólogo. (N.A.)

57. Amantes de Hércules e de Zeus, respectivamente. (N.T.)

58. Responsável pelo custeio e a organização dos espetáculos dramáticos. (N.T.)

59. Vimos que Frinico já havia encenado quatro anos antes *Fenícias* sobre o mesmo tema. (N.A.)

CONCLUSÃO

No século V, os atenienses consideravam os grandes poetas trágicos, especialmente Ésquilo, como investidos de uma autoridade moral: “As crianças são educadas pelo mestre-escola, os jovens, pelos poetas. Somos estritamente obrigados a falar uma linguagem elevada”, diz Ésquilo em *As rãs* de Aristófanes (v. 1054-1055). De fato, ele utilizava um vocabulário “nobre”, uma sintaxe caótica, imagens rudes, dignas dos heróis lendários postos em cena, e que separavam os espectadores da realidade cotidiana. No entanto, quer se lamente ou se festeje isso, os dramaturgos atenienses chegaram em menos de um século a um teatro mais realista, dando prioridade aos personagens, às intrigas, ao lirismo individual e até mesmo ao grande espetáculo. Agáton transpõe mais uma etapa no final do século, inventando intrigas e isolando os cantos do coro da ação dramática.

Mas essa evolução não foi contínua: a própria estrutura das tragédias não cessa de variar e chega a ser desconcertante, os autores buscando inventar, surpreender, mostrar seu virtuosismo tanto no plano dramático quanto no lírico, na maneira de conduzir certas cenas típicas ou de explorar os grandes mitos. *As Bacantes* de Eurípides, uma das peças mais tardias, tem características arcaicas, enquanto *A Oresteia* pode parecer “moderna” sob muitos aspectos. O tom “elevado” de Ésquilo não impede que Dânaos, no final de *As Suplicantes* (v. 1011), se alegre de que Atenas as receba... sem fazê-las pagar aluguel!

O que mais marcou essas mudanças foi a utilização que os poetas fizeram do coro, elemento mais específico do drama e o mais importante do espetáculo. Durante o século V, a importância relativa dos coros líricos e da ação dramática quase se inverteu. Na tragédia fundadora de Ésquilo, em luta contra os bárbaros, o coro aparece em primeiro plano e serve de veículo à ação dramática. A tragédia de Sófocles corresponde ao auge do poder e da glória de Atenas e encontra o equilíbrio que Aristóteles tanto apreciava: o coro não faz avançar a ação, mas se comporta como um personagem distinto. Quanto a Eurípides, ele privilegia os personagens, num mundo em transição e em plena derrocada: seu coro tem um papel de testemunha, exprimindo temores e se compadecendo com as desgraças do herói. Em todos, no entanto, o coro purifica o poema trágico, ao meditar sobre a ação da peça numa forma lírica.

Assim, o desaparecimento progressivo do coro no século IV explica em parte a própria evolução dos dramas: não há mais participação de amadores no espetáculo, o fosso entre o público e os atores gradualmente se ampliou, o que influenciará inclusive a arquitetura dos teatros, culminando no palco elevado e independente, “à italiana”, que conhecemos. Seja qual for a forma do teatro, porém, tragédias de Ésquilo, de Sófocles e de Eurípides continuam sendo representadas no mundo todo... mesmo se não se canta mais “para o bode”.

BIBLIOGRAFIA

São indicados aqui livros em francês facilmente acessíveis e que falam sobre a tragédia grega em conjunto ou sobre um dos três grandes autores trágicos. Nesses livros há referências a outras obras e estudos mais especializados.

Os textos gregos, acompanhados de traduções francesas, poderão ser encontrados na Collection des Universités de France (coleção dita “Budé”), Paris, Les Belles Lettres, e uma longa bibliografia estabelecida por D. Jakob (de 1500 a 1900) e S. Saïd (de 1900 a 1988) no volume III (1-2, 1988, p. 364-512) da revista *Metis*.

Les Tragiques grecs, Théâtre complet. Tradução francesa com notas de V.-H. Debidour, editada com uma introdução geral e um dossiê sobre a tragédia por P. Demont e A. Lebeau. Paris: La Pochotèque, 1999.

Les Tragiques grecs, Théâtre complet. Tradução e notas sob a direção de B. Deforge e F. Jouan. Paris: Laffont, “Bouquins”, 2 v.

Tradução do *Théâtre complet* de Eurípides pela editora Flammarion, sob a direção de M. Trédé: v.1, Paris, março de 2000.

AÉLION, R. *Euripide héritier d’Eschyle*. Paris: 1983.

_____. *Quelques grands mythes héroïques dans l’oeuvre d’Euripide*. Paris : 1986.

BALDRY, H.C. *Le théâtre tragique des grecs*. Trad. fr. Paris: 1975. Reed. Pocket Agora : 1985.

DEFORGE, B. *Eschyle poète cosmique*. Paris: 1986.

_____. *Le festival des cadavres. Morts et mises à mort dans la tragédie grecque*. Paris : 1997.

DELCOURT, M. *La vie d’Euripide*. Paris: 1930.

DELEBECQUE, E. *Euripide et la guerre du Péloponnèse*. Paris : 1951.

DEMONT, P.; LEBEAU, A. *Introduction au théâtre grec antique*. Paris: Le Livre de Poche, 1996.

DUCHEMIN, J. *L’Agôn dans la tragédie grecque*. Paris: 1945.

FESTUGIÈRE, A.-J. *De l’essence de la tragédie grecque*. Paris: 1969.

GERMAIN, G. *Sophocle*. Paris: Le Seuil, 1969.

GOOSSENS, R. *Euripide et Athènes*. Bruxelles: 1962.

GRIMAL, P. *Le Théâtre antique*. Paris: PUF, 1978. (Que sais-je?, n° 1732).

JOUAN, F. *Euripide et les légendes des Chants cypriens*. Paris: 1966.

MACHIN, A. *Cohérence et continuité dans le théâtre de Sophocle*. Québec: 1981.

MÉIER, C. *De la tragédie grecque comme art politique*. Trad. fr. Paris: 1991.

MOREAU, A. *Eschyle: la violence et le chões*. Paris: 1985.

RACHET, G. *La tragédie grecque*. Paris, 1973.

REINHARDT, K. *Eschyle, Euripide*. Trad. do alemão. Paris, 1971.

ROMILLY, J. *La crainte et l’angoisse dans le théâtre d’Eschyle*. Paris: 1958.

_____. *L’Évolution du pathétique, d’Eschyle à Euripide*. Paris: PUF, 1962.

_____. *La tragédie grecque*. Paris: PUF, 1970.

_____. *Le temps dans la tragédie grecque*. Paris, 1971.

_____. *La modernité d’Euripide*. Paris: PUF, 1986.

SAID, S. *La Faute tragique*. Paris: 1978.

VERNANT, J.-P. e VIDAL-NAQUET, P. *Mythe et tragédie en Grèce ancienne*. T. I, Paris: 1972. T. II, Paris: 1986.

Pascal Thierry é professor universitário e presidente do Instituto Francês do Teatro Antigo.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Título original: *Les Tragédies Grecques*

Tradução: Paulo Neves

Capa: Ivan Pinheiro Machado. Foto: Teatro de Epidauro (final do século IV a.C.), Grécia.

Preparação de original: Bianca Pasqualini

Revisão: Gustavo de Azambuja Feix

CIP-Brasil. Catalogação-na-Fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

T368t

Thierry, Pascal, 1946-

Tragédias gregas / Pascal Thierry; tradução de Paulo Neves. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.

(Coleção L&PM POCKET; v. 821)

Tradução de: *Les Tragédies Grecques*

Inclui bibliografia

ISBN 978.85.254.2970-4

1. Teatro grego (Tragédia) - História e crítica. I. Título. II. Série.

09-4205. CDD: 882.0109

CDU: 875-2.09

© Presses Universitaires de France, *Les Tragédies Grecques*

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores

Rua Comendador Coruja 314, loja 9 – Floresta – 90220-180

Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221-5380

PEDIDOS & DEPTO. COMERCIAL: vendas@lpm.com.br

FALE CONOSCO: info@lpm.com.br

www.lpm.com.br

Table of Contents

Prefácio

Introdução

Capítulo I: Vida e obra dos poetas trágicos gregos

I. Ésquilo (525-456)

II. Sófocles (497-405)

III. Eurípides (484-406)

IV. Os tragediógrafos “menores”

Cronologia

Capítulo II: O ciclo tebano

As Bacantes de Eurípides

Édipo rei de Sófocles

Os Sete contra Tebas de Ésquilo

As Fenícias de Eurípides

Édipo em Colono de Sófocles

Antígona de Sófocles

As Suplicantes de Eurípides

Capítulo III: O ciclo de Héracles

Héracles furioso (ou Héracles, ou A loucura de Héracles) de Eurípides

Alceste de Eurípides

As Traquinianas de Sófocles

Os Heraclidas de Eurípides

Capítulo IV: O ciclo miceniano

As Suplicantes de Ésquilo

Ifigênia em Áulis de Eurípides

Agamênon de Ésquilo

As Coéforas de Ésquilo

Electra de Sófocles

Electra de Eurípides

Orestes de Eurípides

As Eumênides de Ésquilo

Ifigênia em Táurida de Eurípides

Capítulo V: O ciclo troiano

Resos de Eurípides

Ajax de Sófocles

Filoctetes de Sófocles

As Troianas de Eurípides

Hécuba de Eurípides

Helena de Eurípides

Andrômaca de Eurípides

Capítulo VI: Tragédias que não pertencem a um ciclo

Prometeu acorrentado de Ésquilo

Medeia de Eurípides

Hipólito de Eurípides

Íon de Eurípides

Os Persas de Ésquilo

Conclusão

Bibliografia